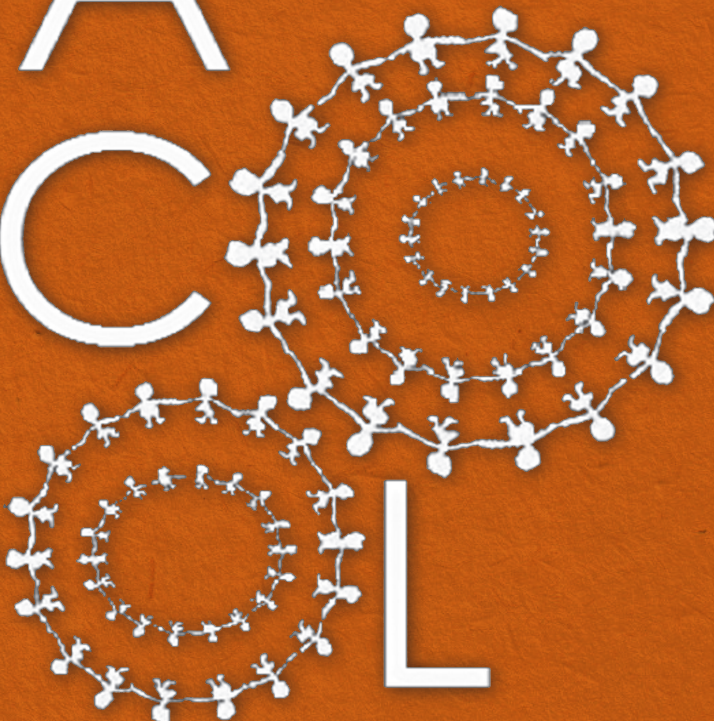


EJA EC SOL



O TRABALHO ASSOCIADO E AUTOGESTIONÁRIO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

CADERNO

4

**Economia solidária, processo de trabalho
e processo educativo**



Criar uma nova cultura não significa apenas fazer, individualmente, descobertas originais, significa também e sobretudo difundir criticamente verdades já descobertas. Socializá-las por assim dizer, transformá-las portanto em bases de ações vitais, em elemento de coordenação de ordem intelectual e moral.

Antonio Gramsci

FICHA CATALOGRÁFICA

TIRIBA, Lia e FISCHER, Maria Clara Bueno (coord.). Cadernos EjaEcosol. O trabalho associado e autogestionário na Educação de Jovens e Adultos (Material Pedagógico). Niterói, RJ: Incubadora de Empreendimentos da Economia Solidária – IEES / Universidade Federal Fluminense, 2012.

Ministério do Trabalho e Emprego
Paulo Roberto dos Santos Pinto (interino)

Secretaria Nacional de Economia Solidária – SENAES/MTE
Paul Israel Singer

Departamento de Estudos e Divulgação – SENAES/ MTE
Valmor Schiochet

Ministério da Educação - MEC
Aloizio Mercadante

Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão - SECADI
Claudia Pereira Dutra

Universidade Federal Fluminense
Roberto de Souza Salles

Instituto de Ciências Humanas e Filosofia – ICHF
Francisco de Assis Palharini

Incubadora de Empreendimentos da Economia Solidária da Universidade Federal Fluminense (IEES-UFF)
Maria Lucia Pontual Braga
Barbara Heliodora França
Sérgio Ricardo Castilho

Coordenação do Projeto Ações de Apoio à Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores em Articulação com a Economia Solidária
Sérgio Ricardo Castilho
Bárbara Heliodora França
Érica Barbosa
Lia Tiriba
Olinéa Cysneiros

Coordenadores de Educação de Jovens e Adultos
Eliane de Oliveira (Rede Municipal de Educação de São Gonçalo – RJ)
Ana Cristina Costa Magalhães (Rede Municipal de Educação de Niterói – RJ)

Coordenação do material pedagógico
Lia Tiriba
Maria Clara Bueno Fischer

Consultores
Sônia Rummert
Henrique Tahan Novaes
Jaqueline Ventura
Osmar Fávero

Professores das Redes Municipais de Educação de Niterói e São Gonçalo
(Ver nominata na 3ª capa)

Bolsistas da/ na Equipe Pedagógica
Diego Azevedo Sodré
Diego Sandins Ramos de Almeida
Gisela Milagres
Marcia Meireles
Tatiana de Lourdes Venceslau
Vitor Garcia
Monique Feder

Bolsistas Eja/Ecosol
Carolina Pazos Pereira
Clariana Morato Alcântara
Cristiana Maria da Silva
Diego Azevedo Sodré
Diego Sandins Ramos de Almeida
Flávia Ruas Fernandes Pereira
Gisela Milagres
Marcia Meireles
Monique Feder
Raquel Silva Barreto
Sandra Mara Alves Amâncio
Tatiana de Lourdes Venceslau
Thais Danton Coelho
Thaís Barrozo Melo
Valesca de Souza Almeida
Vitor Garcia

Apoio técnico-pedagógico
Diego de Azevedo Sodré
Marcia Meireles

Programação visual e diagramação
Sylvio Marinho
Daniel Tiriba

Logomarca do projeto Eja/Ecosol
Monique Feder

Revisão
Cristiana Deluiz

Edição
Lia Tiriba

Olá, professores e professoras de Educação de Jovens e Adultos!

Olá, formadores e formadoras em Economia Solidária!

Olá, educadores e educadoras!

Bem-vind@s aos Cadernos EjaEcosol ! Organizado em seis cadernos, cada pedacinho do material pedagógico que ora apresentamos em formato digital, foi construído pensando em possíveis maneiras de articular processos de Educação de Jovens e Adultos aos princípios e práticas da Economia Solidária. No Caderno 1 encontram-se os fundamentos teórico-metodológicos que orientam os demais Cadernos, todos eles compostos de seis sessões que buscam contemplar dimensões teóricas e práticas necessárias à educação/formação em Economia Solidária – formação essa que, aos poucos, estende-se à escola pública.

A partir da premissa do trabalho associado e autogestionário como princípio educativo na constituição de novas relações econômicas, sociais e culturais, o material pedagógico pretende ser um meio pelo qual podem ser reveladas as experiências dos trabalhadores-estudantes, bem como suas capacidades de trabalho associado e autogestionário, inclusive as latentes e não manifestas. Tendo em conta a base curricular nacional de EJA, ao trazer para o currículo escolar as relações entre trabalho associado e educação, nossa intenção é contribuir para que, no interior da escola pública possam ir se tecendo práticas educativas em consonância com uma cultura do trabalho calcada nos princípios de solidariedade, autogestão do trabalho e da vida social.

Envolvendo professores e professoras das redes públicas de educação dos municípios de Niterói e São Gonçalo (Rio de Janeiro), gestores públicos, educadores dos Fóruns de Economia Solidária e outros interessados em EjaEcosol, a matriz do material formativo-pedagógico e de apoio didático foi produzida nas oficinas e discussões realizadas no Projeto de Extensão Ações de Apoio à Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores em Articulação com a Economia Solidária, desenvolvido no ano de 2011, pela Incubadora de Empreendimentos da Economia Solidária - IEES, da Universidade Federal Fluminense - UFF. Em relação à metodologia e conteúdos dos processos de formação em Economia Solidária que propomos desenvolver na Educação de Jovens e Adultos – EJA, também levamos em conta os conhecimentos até então acumulados no movimento mais amplo da Economia Solidária, expressos nos documentos elaborados pelo Fórum de Economia Solidária – FBES, Centro de Formação em Economia Solidária – CFES e Secretaria Nacional de Economia Solidária – SENAES. Entre os sujeitos dos Cadernos EjaEcosol, não podemos deixar de registrar a consultoria de pesquisadores, bem como a presença de estudantes da UFF que, na condição de bolsistas, participaram como mestres e aprendizes.

O caminho se faz ao caminhar... A todos e todas, agradecemos pela solidariedade e compromisso ético-político em defesa da educação integral das trabalhadoras e trabalhadores-estudantes de EJA.

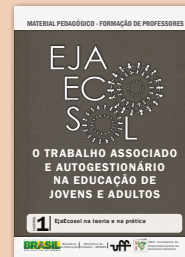
Equipe EjaEcosol

Envie sugestões e comentários para cadernosejaecosol@gmail.com

CADERNO

1**EjaEcosol na teoria e na prática**

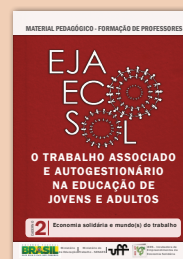
Fundamentos teórico-metodológicos
 Biblioteca Virtual
 Navegação solidária
 Videoclipes e filmes de curta
 Sala de leitura (textos em PDF)
 Referências bibliográficas



CADERNO

2**Economia solidária e mundo(s) do trabalho**

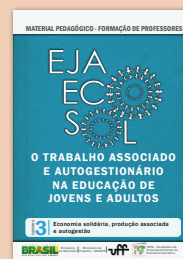
Para início de conversa...
 Atividades pedagógicas
 Palavras de trabalhadores-estudantes
 Produção associada de saberes
 O mundo dentro e fora da escola
 O que é o que é....



CADERNO

3**Economia solidária, produção associada e autogestão**

Para início de conversa...
 Atividades pedagógicas
 Palavras de trabalhadores-estudantes
 Produção associada de saberes
 O mundo dentro e fora da escola
 O que é o que é....



CADERNO

4

Economia solidária, processo de trabalho e processo educativo

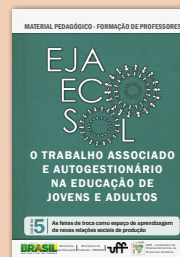
Para início de conversa...	9
Atividades pedagógicas	16
Palavras de trabalhadores-estudantes	44
Produção associada de saberes	48
O mundo dentro e fora da escola	58
O que é o que é....	66

CADERNO

5

As feiras de troca como espaço de aprendizagem de novas relações sociais de produção

Para início de conversa...
Atividades pedagógicas
Palavras de trabalhadores-estudantes
Produção associada de saberes
O mundo dentro e fora da escola
O que é o que é....

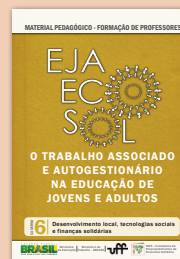


CADERNO

6

Desenvolvimento local, tecnologias sociais e finanças solidárias

Para início de conversa...
Atividades pedagógicas
Palavras de trabalhadores-estudantes
Produção associada de saberes
O mundo dentro e fora da escola
O que é o que é....



Caderno 4

Economia solidária, processo de trabalho e processo educativo

Para início de conversa...



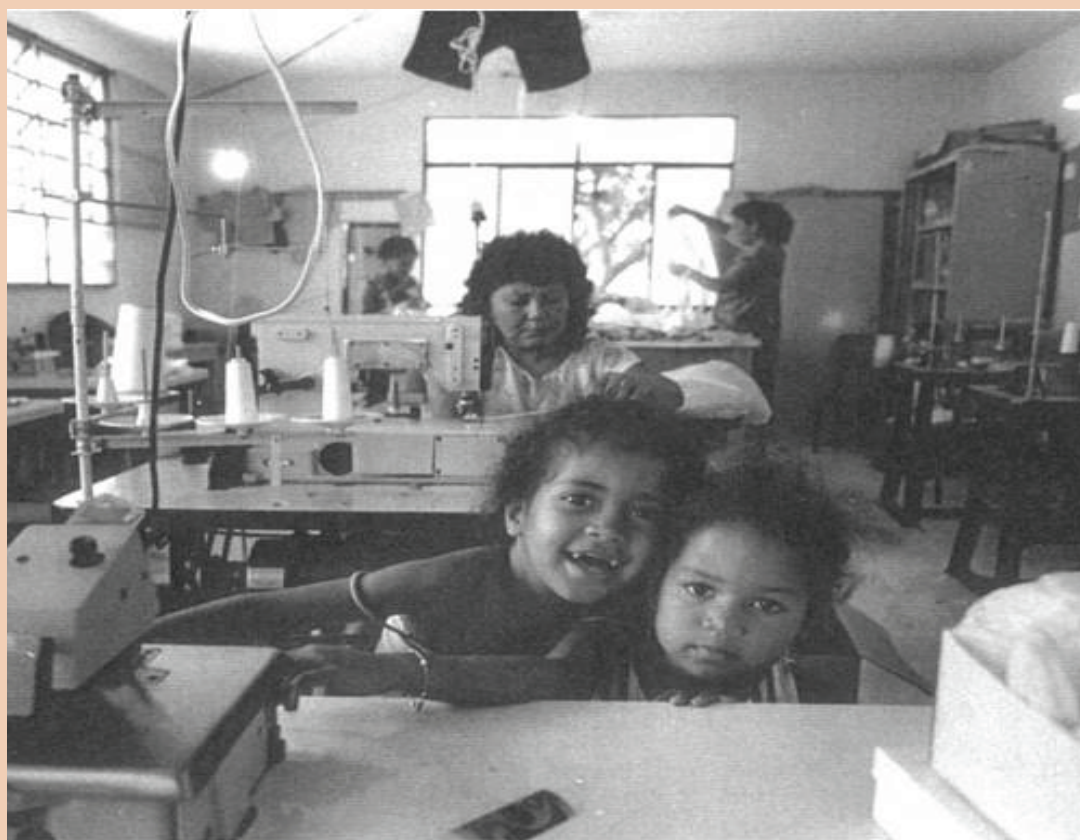
<http://despelacoqueiro.blogspot.com.br>

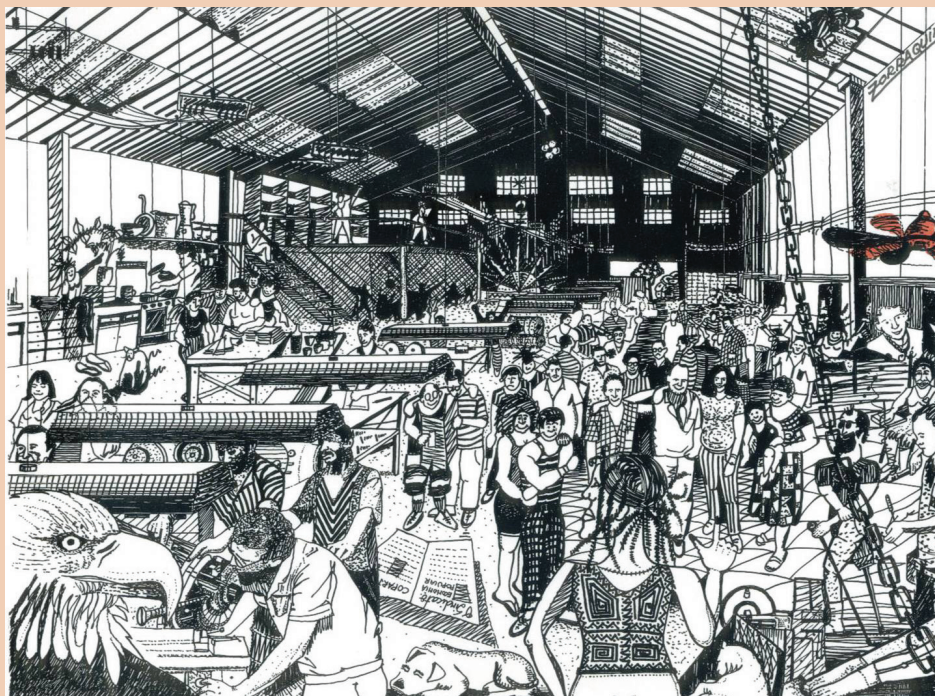
*Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja, na escola,
De um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela;
Para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar.
Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a
vida com a educação. Com uma ou várias; educação? Educações.*

Carlos Rodrigues Brandão

A escola que é Educação, com letra maiúscula, o é porque reconhece e abre-se para as múltiplas outras formas de educação e, com elas e seus sujeitos, repensa o seu fazer. O trabalho é uma prática social em que homens e mulheres aprendem e ensinam formas de ser, de fazer e de se fazer. Produz-se uma cultura do trabalho; ou melhor, culturas do trabalho. O trabalho na fábrica, no escritório, na escola, na prefeitura, no salão de beleza, na associação de pescadores, na cooperativa de produção de leite, no hospital e em tantos outros lugares educa e deseduca o ser humano. Uma professora recém-chegada na escola, no seu primeiro emprego, muitas vezes é a última a escolher o horário e turma em que vai lecionar. Quem decide que deve

Quem decide que deve ser assim? Por quê? O que isso ensina a respeito da cultura do trabalho escolar? Que valores estão aí presentes?





Luis Zorraquino

ser assim? Por quê? O que isso ensina a respeito da *cultura do trabalho* escolar? Que valores estão aí presentes?

O processo de trabalho constitui-se num lugar de aprender-ensinar em que, como diz Brandão (1993, p.7) “misturamos a vida com a educação”. Processo de trabalho designa o modo pelo qual se dá a objetivação do trabalho em valores de uso de qualquer espécie. Encerra as diversas formas como, em diferentes espaços e tempos históricos, são estruturadas e conformadas as condições materiais e imateriais necessárias para a produção de bens e serviços. Diz respeito: (a) ao objeto sobre o qual se trabalha (matéria bruta ou matéria prima); (b) à disposição das máquinas e equipamentos e às condições físicas do local do trabalho (meios de trabalho) e (c) às formas de dispêndio da força de trabalho para transformação do mundo natural em coisas úteis para os seres humanos (o trabalho em si). No processo de trabalho, as forças produtivas entram em ação para materializar a atividade do trabalho, o que pressupõe um conjunto de conhecimentos, métodos e técnicas de produção e de gestão da força de trabalho. A base material da produção, os critérios de divisão do trabalho e o estabelecimento de normas e regras de convivência estão associados à cultura do trabalho,

Como vamos organizar o processo de trabalho? Quem faz o quê? Existe algum tipo de hierarquia? Quais os critérios para saber quem coordena o trabalho?

ou seja, ao conjunto de elementos materiais e simbólicos partilhados pelos grupos humanos, consideradas suas especificidades de gênero, etnia, religiosidade e geracional – e são historicamente determinados pelas relações de produção.

Nas experiências em que os trabalhadores tornam-se proprietários e gestores do seu próprio trabalho, o processo de trabalho é outro. A *cooperação*, nas unidades de produção associada, acontece com base nos princípios da autogestão, solidariedade e democracia. Viabilidade econômica e gestão democrática andam juntas. Por isso, estabelece-se uma luta cotidiana para conquistar níveis cada vez maiores de autonomia, controle e democracia: (a) sobre o objeto de trabalho (liberdade de criação nas formas de utilização da matéria-prima, máquinas e equipamentos); (b) em cada uma das equipes de uma determinada organização econômica; (c) no âmbito da unidade econômica ou organização social; e (d) no âmbito da sociedade em geral. Os participantes precisam responder, coletiva e democraticamente, as seguintes perguntas: Como vamos organizar o processo de trabalho? Quem faz o quê? Existe algum tipo de hierarquia? Quais os critérios para saber quem coordena o trabalho? Os associados vão contratar trabalhadores assalariados? Vai existir exploração do trabalho alheio? É possível pensar uma gestão cooperativa de maneira a garantir – horizontalmente – o exercício de falar, escutar, duvidar, criticar, sugerir e decidir? Como? Como o estilo de participação pode se diferenciar do estilo de participação capitalista? Como organizar a produção de maneira que todos se tornem atores-protagonistas do processo de produção? O processo permite que todos – e não somente alguns – sejam capazes de compreender os princípios fundamentais da gestão, tendo acesso aos conhecimentos necessários que lhes permita questionar, propor mudanças e decidir sobre qual o melhor tipo de gestão administrativa, financeira, jurídica que melhor atenda aos interesses coletivos? Como vamos dividir a riqueza produzida? Todo mundo

Como vamos dividir a riqueza produzida? Todo mundo ganha a mesma coisa? Quais os critérios para dividir os frutos do trabalho?



ganha a mesma coisa? Quais os critérios para dividir os frutos do trabalho? O processo de pensar, discutir e responder tais perguntas é muito educativo, pois o trabalhador se coloca num lugar político e técnico que, na experiência de trabalho no capitalismo, não lhe é familiar. E, mais ainda, ele ou ela, afinal muitas são as trabalhadoras da economia solidária, estará respondendo a questões da prática concreta; o que faz toda a diferença. Estamos falando de práxis que liberta: pensar e agir de forma articulada na construção de relações de autogestão, em que o poder é compartilhado democraticamente e o produto do trabalho também.

As experiências históricas de autogestão revelam que, no embate contra a exploração e a degradação do trabalho, não é suficiente que os trabalhadores apropriem-se dos meios de produção e experimentem, na prática, novas formas de organização e gestão do trabalho. Essas práticas indicam haver a necessidade de articulação dos saberes do trabalho, fragmentados pelo capital, e de apropriação dos instrumentos teórico-metodológicos que lhes permitam compreender os sentidos do trabalho e prosseguir na construção de uma nova *cultura do trabalho* e de uma sociedade de novo tipo. Nas vivências de trabalho associado, as pessoas atribuem sentidos ao vivido ou realizado; assim, de forma mais abrangente, é fundamental que transformem suas vivências pregressas e atuais em experiências propriamente formadoras. Para isso, é preciso se distanciar para se aproximar com criticidade do hoje e pensar o futuro. Os cursos de formação em economia solidária feitos na escola e fora dela são, neste sentido, muito importantes. Entender os sentidos políticos, culturais, éticos e técnicos da economia solidária está em estreita relação com o domínio dos saberes escolares e as formas de socialização produzidas e estimuladas no dia a dia da escola. (FISCHER e TIRIBA, 2009)

Entender os sentidos políticos, culturais, éticos e técnicos da economia solidária está em estreita relação com o domínio dos saberes escolares e as formas de socialização produzidas e estimuladas no dia a dia da escola.

A dicotomia “mundo do trabalho” e “mundo da cultura” constitui-se como uma marca da sociedade de classes e, em especial, da sociedade capitalista, na qual os possuidores dos meios de produção e seus representantes são considerados detentores do saber científico, enquanto aos vendedores de força de trabalho cabe o saber prático, adquirido na experiência do trabalho vivo. Com a primeira Revolução Industrial, ocorrida no século XVIII, os conhecimentos científicos e tecnológicos passaram a ser incorporados como força motriz da produção capitalista. Nesse contexto, a escola (que, em grego, significa “lugar de ócio”, ou seja, local onde pequena parcela da população, pertencente à classe economicamente dominante, poderia passar o “tempo livre”) tornou-se uma instituição onde a classe trabalhadora e seus filhos deveriam apreender os conhecimentos, valores e atitudes estritamente necessários ao trabalho na fábrica.

Sobre as relações entre trabalho e educação, Antonio Gramsci analisa que, embora a divisão capitalista do trabalho insista em separar o *Homo faber* do *Homo sapiens*, não existe atividade humana da qual se possa excluir totalmente a intervenção intelectual. A expressão “*gorila amestrado*”, de Taylor, seria uma metáfora para indicar que, em qualquer trabalho físico, mesmo o mais mecânico e degradado, há um mínimo de atividade intelectual criadora. De acordo com o filósofo italiano, no capitalismo, “o operário ou proletário, por exemplo, não se caracteriza especificamente pelo trabalho manual ou instrumental, mas por este trabalho [realizar-se] em determinadas condições e em determinadas relações sociais” (GRAMSCI, 1982, p.7).

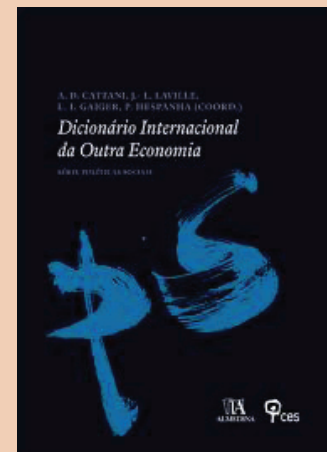
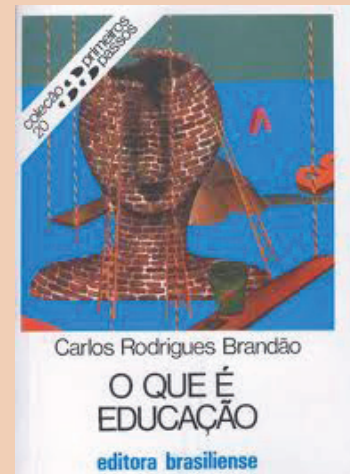
Dado que, nos processos de trabalho associado, a força de trabalho não se caracteriza como uma mercadoria, pressupondo relações econômico-sociais

Entender os sentidos políticos, culturais, éticos e técnicos da economia solidária está em estreita relação com o domínio dos saberes escolares e as formas de socialização produzidas e estimuladas no dia a dia da escola.

opostas às relações capitalistas, pode-se inferir que um dos objetivos da educação de trabalhadores associados “consiste em elaborar criticamente a atividade intelectual que existe em cada um em determinado de grau de desenvolvimento, modificando sua relação entre o esforço intelectual-cerebral e o esforço muscular-nervoso, enquanto elemento de uma atividade prática geral, que inova continuamente o mundo físico e social, torne-se o fundamento de uma nova e integral concepção de mundo” (GRAMSCI, 1982, p.8). A escola que interessa à classe trabalhadora é aquela que permite aos trabalhadores a apropriação crítica de sua experiência social, contribuindo com suas construções como protagonistas da sua história individual e coletiva. Neste sentido, saberes escolares e saberes forjados na experiência cotidiana do trabalho podem e devem constituir o currículo escolar, sendo ambos problematizados por educandos e educadores.

Autoras: Maria Clara Bueno Fischer e Lia Tiriba

Ementa: Relações entre seres humanos/natureza e organização do processo de trabalho. Características dos empreendimentos da economia solidária. Divisão do trabalho, dos frutos do trabalho e do saber. Processo de trabalho, processo educativo e cultura do trabalho. Os trabalhadores e trabalhadoras da economia solidária e os saberes do trabalho associado: desafios da escola.



Referências bibliográficas

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo, Brasiliense, 1993. 28ª edição. Coleção Primeiros Passos.

FISCHER, Maria Clara Bueno e TIRIBA, Lia. Saberes do Trabalho Associado. In: CATTANI, Antonio David; LAVILLE, J.L.; GAIGER, L.I.; HESPANHA, P. (coord.) **Dicionário Internacional da Outra Economia**. Serie Políticas Sociais. São Paulo: Almedina Brasil LTDA; Coimbra: Edições Almedina, SA. 2009, p.293-298.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1982.



Participantes do Curso EjaEcosol

Atividades Pedagógicas



Componente curricular: Educação Física

Conteúdo: Corpo e conscientização

Objetivo: Compreender que, de acordo com as condições históricas, o trabalho pode se constituir como elemento de emancipação ou desumanização da classe trabalhadora. Refletir sobre as relações entre corpo e trabalho.

O corpo-trabalho produzindo a existência humana

Ao diferenciar o trabalho produzido pela aranha e pelo arquiteto, Karl Marx, na obra “O Capital”, apresenta uma nova concepção de produzir a vida através da conscientização do processo de trabalho. Consciência que favorece a humanização do homem através da sua relação com a natureza. Por sua capacidade de transformar o mundo, os seres humanos humanizam-se, construindo sua própria história. Mas, dependendo das condições objetivas e subjetivas em que se dão as relações entre os grupos sociais, ao invés de emancipação humana, o trabalho pode promover a desumanização (pobreza, miséria, opressão, etc) . No capitalismo, de acordo com a ideologia liberal, os seres humanos são reduzidos à condição de homus economicus, o que significa dizer que sua



DICAS

- Sobre a ginástica como forma de modelagem e controle do corpo, leia “**Imagens da Educação no Corpo**”, de Carmem Soares (Ed. Autores Associados).



*Jean-François Millet (1814-1875).
As Respigadeiras,
1857*

felicidade se realiza no mercado, no mundo do consumo. Ora, os seres humanos são parte integrante da natureza e, assim como os demais seres vivos que constituem a flora e a fauna, precisam ser tratados com respeito, amor e carinho. Será por isto que está na moda a prática de exercícios físicos no local de trabalho? Além de contribuir para o bem estar individual e melhorar o relacionamento da equipe, por que os empresários têm valorizado a ginástica laboral? Em que medida os exercícios contribuem para aumentar a produtividade e, conseqüentemente, o lucro dos empresários? Para você e sua turma de EJA, o que é necessário para “humanizar o ambiente do trabalho”? Na sociedade capitalista, o que tem de desumano no processo de produção da existência humana?



<http://niteroi.olx.com.br>



DICAS

- Visitar cooperativas e outros estabelecimentos de trabalho associado para entrevistar os trabalhadores/as sobre os cuidados com o corpo e a saúde no ambiente de trabalho. Analisar sob o ponto de vista dos princípios da economia solidária.

[...]

XII

A dança ritmada desse corpo
de bailarino-operário de um ofício
de que o produto feito não é seu,
cria o servo de quem lhe paga aos sábados
para o que sobra da vida de trabalho
do corpo de quem fez e não viveu.

O trabalho-pago, alheio e sempre o mesmo
obrigando o operário bailarino
à rotina de fazer sem possuir
torna-o, artista, servo do artil
de entretecer pano e redes sem criar
e recriar-se servo sem saber.

XIII

Não há música de dança na oficina
e o bailado das mãos da operária
obedece ao comando da orquestra
de um maestro que existe no tear.

As pessoas trabalham sem repouso
e o corpo que se move move a roda
que move o corpo que de novo move o fuso
que semelha o que parece dança ao longe
mas que de perto é só esforço atento
do bailado do homem preso ao passo
do corpo produtivo a trabalhar.

XIV

Não conhece descanso o corpo na oficina.
ele é parte das máquinas que move
e que movidas não sabem mais parar.
Os pés descalços prolongam pedais
os braços são como alavancas
e as mãos estendem pontas de um fio
que existe no fuso e no tear.

O trabalho do corpo é objeto
que o homem vende ao dono todo o dia.
O corpo-livre pertence ao maquinário
que ao homem converte no operário
de que retira o preço do sustento:
a comida a cama a casa o agasalho,
o que mantém vivo o corpo e o seu trabalho.



Edgar Degas. A bailarina (1876)



Di Cavalcanti. Trabalhadores (1933)

Passo a passo

1 - Sugira uma leitura coletiva dos fragmentos do poema de Carlos Rodrigues Brandão.

2 - Proponha uma reflexão coletiva a respeito das condições de trabalho presentes no poema.

3 - Discuta com os estudantes a dimensão de alienação presente na relação entre a produção da tecelagem, o corpo do operário e o maquinário.

4 - Divida a turma em grupos e proponha que, durante uma semana, as aulas sejam antecedidas por exercícios físicos, promovidos pelos grupos: dança, relaxamento, yoga, ginástica, etc.

5 - Peça que releiam o texto e, em grupos, respondam: a) o que é e para que serve a ginástica laboral? b) qual a relação existente entre ginástica laboral e aumento da produtividade do trabalho? Na sociedade capitalista, o que faz com que o trabalho se torne desumano? O que seria necessário para humanizar a própria sociedade?

6 - À medida que os grupos lêem suas respostas e os demais estudantes tecem comentários, o professor explica porque, que de acordo com as condições históricas, o trabalho pode se constituir como elemento de emancipação ou desumanização dos seres humanos.

7 - Ao final de cada aula, discuta como cada um se sentiu: os exercícios contribuíram para reduzir as tensões musculares? Promoveram a melhoria do relacionamento da turma? Que outros benefícios perceberam? Aumentou a “produtividade” das aulas?

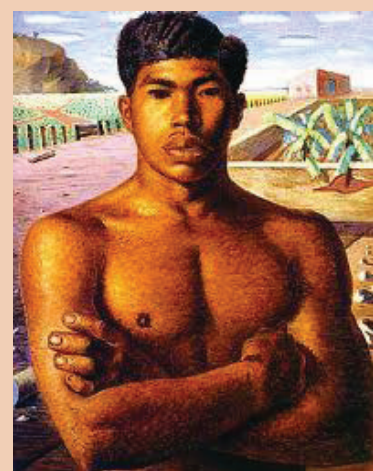
Avaliação

Promover a elaboração de um mural na escola evidenciando que, na sociedade capitalista, a ginástica laboral também serve para aumentar a produtividade do trabalho e que, num outro modo de produzir a existência baseada nos valores de igualdade, solidariedade e democracia no trabalho, o cuidado com o corpo tem um sentido de formação e bem estar da pessoa como ser integral dentro e fora do trabalho.



DICAS

- Faça um levantamento bibliográfico sobre o lugar e o conteúdo de Educação Física nas turmas de Educação de Jovens e Adultos trabalhadores.



Cândido Portinari

Componente curricular: Educação Artística

Conteúdo: Teatro: montagem de peça

Objetivos: Desenvolver a criatividade, a comunicação oral e a expressão corporal. Estimular o trabalho coletivo com reconhecimento das contribuições singulares. Refletir sobre o que somos e o que podemos ser no trabalho.

(Re)construindo o mundo do trabalho

A palavra teatro deriva do grego *theaomai* – olhar com atenção, perceber, contemplar (Enciclopedia Britannica, 1990, vol. 28: 515). *Theaomai* não significa ver no sentido comum, mas, sim, ter uma experiência intensa, envolvente, meditativa, inquiridora, a fim de descobrir o significado mais profundo dos fenômenos.

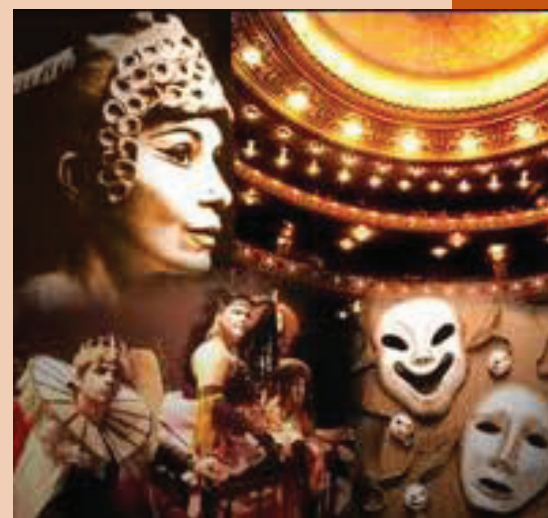
Vestimos roupas e saímos para o trabalho. Dia após dia, ao trabalharmos como assalariados, bate-mos cartão ponto, obedecemos a ordens, realizamos tarefas prescritas por outros, produzimos objetos que não sabemos para quê e quem são os destinatários... Tudo isso nos move e nos comove. Trabalhar nos envolve por inteiro. Assim, vestir outras roupas para trabalhar sem bater cartão ponto, para criar e elaborar regras em comum, pensar no quê, para quê e para quem produzir mexe em nossos corpos e mentes.

O teatro permite que os estudantes possam imaginar como poderia ser um mundo diferente daquilo que estão acostumados a vivenciar! Através da elaboração de uma peça, podem refletir como vivem no capitalismo e como podem projetar formas de viver em outros modos de produção da vida em comum. São desafiados a pensar coletivamente, aprendendo ou desenvolvendo melhor seu poder de argumen-



DICAS

- Assista a uma peça de teatro com seus alunos e discuta sobre as ricas formas de expressão humana que se manifestam através do teatro.



igorgrecia.blogspot.com

tação. Aprendem a resolver conflitos que aparecem durante a montagem de uma peça. De uma maneira descontraída, vivenciam o que, até então, estão aprendendo sobre a Economia Solidária e podem expor isso a outras pessoas da comunidade, propagando essa idéia para outras pessoas.

Recursos Didáticos: Poesia: **O Operário Em Construção**, de Vinícius de Moraes; materiais diversos para uso na montagem de peça teatral.

Passo a passo:

1 - Dialogue com os estudantes sobre teatro: já foram ao teatro? Gostaram da experiência? Já fizeram teatro alguma vez?

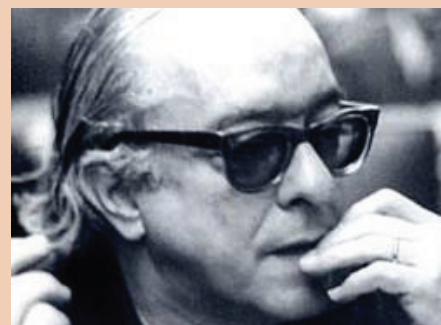
2 - Leitura coletiva da poesia *O Operário em Construção*. Discussão sobre a poesia considerando o processo de trabalho, para quê e para quem os trabalhadores realizam a sua obra, etc. Ao final, debater a possibilidade de realizar a obra de forma coletiva e associada.

3 - Montagem de uma dramatização, com inspiração na poesia e nas possibilidades de fazer diferente a “construção”, com base nos princípios da Economia Solidária. Escolha de uma das funções necessárias para produzirem um teatro: escritores, atores, figurinistas, iluminação, etc. Debate em grupo sobre como irão desempenhar os papéis da peça: de forma coletiva, individual, em grupos por funções, etc.

4 - Ensaio da peça.

5 - Apresentação para o grande grupo.

Avaliação: Redigir um pequeno texto responden-



Vinícius de Moraes



DICAS

- Utilize outros poemas que abordem o trabalho e os utilize para montagem de peças teatrais

do: O que eu sabia sobre o mundo do trabalho? O que eu não sabia? O que eu aprendi? Como foi a experiência de viver/dramatizar uma situação de trabalho associado? Quais as facilidades e as dificuldades encontradas na montagem de uma peça teatral?



DICAS

- Veja os site do Centro do Teatro do Oprimido. <http://ctorio.org.br/novosite/>



Componente curricular: Ciências

Conteúdo: Ecologia

Objetivo: Reconhecer algumas ações fundamentais que contribuem para o restabelecimento do equilíbrio ecológico do planeta, além de novas relações de produção e consumo.

Os quatro R's da Economia Solidária

Não é nenhuma novidade dizer que no modelo de desenvolvimento capitalista - organizado em torno da produção e do consumo - as indústrias e o comércio estão interessados em fabricar e vender. Mas é preciso lembrar que a produção de mercadorias depende da extração de matérias primas e de fontes de energia. É na nossa casa (na atmosfera, nas águas e na terra), assim, que os resíduos e poluentes da indústria e de nosso consumo são descartados.

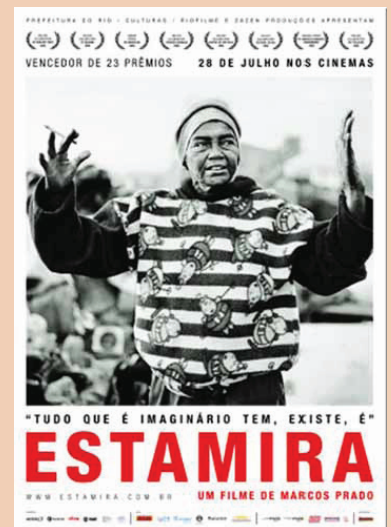
A economia Solidária, em contraposição, tem como bandeira o que chamamos de “política dos quatro R's”: *repensar* o consumo exagerado de mercadorias para, a seguir, *reduzi-lo*, além dos resíduos oriundos deste; *reciclar*, ou seja, transformar os resíduos restantes em objetos úteis para a sociedade sem que precise produzir um inteiramente novo, gastando mais matérias primas; e, por fim, *reutilizar* objetos que ainda estão em bom estado. Essa política, que faz parte da pedagogia da autogestão, ensina uma nova maneira de lidar com o meio-ambiente, além de novas relações de produção e consumo.

O que podemos concluir é que a destruição do planeta é efeito adverso do modelo de desenvolvimento capitalista: além de gerar desigualdade social, ele gera desequilíbrio ambiental. A Economia Solidária, então, mostra-se como alternativa com sua proposta



DICAS

- Busque em uma locadora o filme **Estamira**, de Marcos Prado (Brasil, 2005).



- Proponha uma visita a um aterro sanitário ou a uma usina de tratamento de lixo da comunidade, caso existam.

de produção de uma vida sustentável, atingindo em cheio a lógica da “sociedade produtora de mercadorias”.

Recursos didáticos: Documentário **Ilha das Flores**, de Jorge Furtado



<http://migre.me/9oEQC>

Passo a passo

1 - Assistir, juntamente com seus estudantes, o documentário **Ilha das Flores**. Em seguida, proponha uma pesquisa sobre a situação do lixo na cidade: qual o volume diário? Os resíduos são levados para aterros sanitários ou para lixões? Quais os efeitos dos resíduos sobre as áreas próximas ao local onde o lixo é depositado?

2 - Debate: Vocês sabem algo sobre a “política dos quatro R’s? Na sua escola e no seu entorno, que ações estão sendo desenvolvidas na perspectiva dos quatro R’s? De que maneira a escola colocaria em prática a política dos quatro R’s?

3 - Uma questão polêmica é que, se de um lado, a proposta de redução do consumo possa repercutir na diminuição de empregos, de outro, as atividades de reciclagem e reutilização têm sido uma forma geração de trabalho e renda. Discuta isto com os estudantes, tendo em vista o trabalho associado e autogestionário.

Avaliação: Espera-se que os estudantes compreendam que ações locais em torno dos quatro R’s torna possível a produção de uma vida sustentável, justa e igualitária, de acordo com as necessidades de cada um. Estas ações são de responsabilidade de todos.



DICAS

- “A agenda 21 está disponível no site do Ministério do Meio Ambiente (www.mma.gov.br), ou em bibliotecas da sua cidade.



Tarsila do Amaral

Componente curricular: Espanhol

Conteúdo: Leitura e compreensão textual.

Objetivo: Analisar experiências de trabalho associado na Espanha. Desenvolver a leitura, a compreensão de textos e ampliação de vocabulário na língua espanhola.

Cruzando fronteiras na construção de “outra economia”

Os empreendimentos econômicos solidários já são uma realidade em diversas partes do mundo. Baseados em princípios como a autogestão, se fundamentam, dentre outras coisas, em processos de tomadas de decisão coletivas através de assembleias periódicas e na justa divisão das sobras entre os sócios. Porém, há ainda muitas dificuldades para se criarem e consolidarem empreendimentos desse tipo. Mesmo assim, alguns empreendimentos têm se mostrado viáveis, indicando que é possível se pensar em uma organização social e produtiva do trabalho diferente da que temos como predominante nos dias de hoje. O Complexo Mondragón na Espanha é um desses casos. Além das atividades voltadas para as áreas de finanças, indústria e distribuição, dispõem do que chamam de centros de conhecimentos, englobando universidade, pós-graduações e outros cursos de formação próprios. Inclusive a UNISOL-Brasil (Central de Cooperativas e Empreendimentos Solidários) já esteve no Complexo, a fim de trocar experiências e reforçar vínculos e parcerias.

Conhecer experiências de Economia Solidária de nosso entorno, de outras regiões do Brasil e de outros países contribui para compreendermos a dimensão que está tomando a busca por outras formas de produzir a vida. E nos damos conta que aprender outras línguas pode ter funções emancipatórias!



DICAS

- Ver notícia intitulada “UNISOL leva suas experiências para a Espanha”, disponível para acesso através do seguinte link: <http://migre.me/9oFd3>



Recursos didáticos: Site da Corporación Mondragón disponível em <http://www.mondragon-corporation.com/>



Corporación Mondragon

Passo a passo

1 - Navegar no site da Corporación Mondragón, identificando palavras e expressões em espanhol conhecidas e não conhecidas e dialogando sobre o assunto do texto. Análise, com os alunos, das questões gramaticais e de vocabulário do espanhol contidas no texto.

2 - Contextualizar historicamente a experiência de Mondragón.

3 - Provoque um debate sobre a importância de estabelecer relações com outros países no sentido de, internacionalmente, consolidar o movimento de economia solidária.

4 - Elaboração de frases em espanhol sobre Economia Solidária.

Avaliação

A avaliação, de caráter processual e formativa, ocorrerá durante a atividade, atentando às respostas dadas pelos estudantes e ponderando a respeito de sua pertinência, em todos os momentos da atividade. Análise das frases elaboradas pelos estudantes do ponto de vista do conteúdo da Economia Solidária e no que diz respeito ao uso adequado da língua espanhola. .



DICAS

- Ver vídeo REDESOL COLOMBIA 10 años de historia



<http://migre.me/9oFld>

- Leia SOUSA SANTOS, Boaventura de (orgs). **Produzir para Viver: os caminhos da produção não-capitalista**, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

Componente curricular: Geografia

Conteúdo: O lugar como expressão e, ao mesmo tempo, resistência às formas capitalistas de produzir a existência.

Objetivos: Refletir sobre a importância de analisar o lugar que habitamos, considerando os limites e potencialidades do bem-viver em comum. Refletir sobre os saberes da experiência de vida e os escolares para a implantação e consolidação de organizações econômicas associativas e autogestionárias.

Natureza, ser humano e cultura.

Na relação com natureza, mediada pelo trabalho, o ser humano produz cultura num determinado tempo e espaço. Isto é, interfere nos ciclos da natureza com mais ou menos consciência das consequências de sua ação. Entendida como o cultivo de organismos marinhos em seus habitats naturais, especialmente para consumo humano, a maricultura tem crescido em todo o mundo. O transporte de organismos de uma região para outra para o cultivo de novas espécies pode ter outras implicações, entre elas o transporte de parasitas.





DICAS

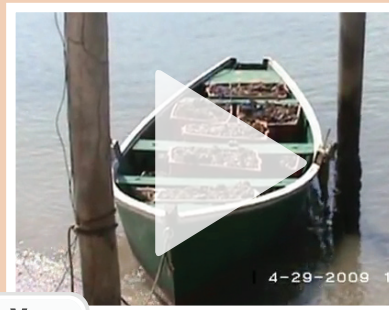
- Leia o texto **Saberes do Trabalho Associado**, de Lia Tiriba e Maria Clara Bueno Fischer (disponível na Sala de Leitura de nossa Biblioteca Virtual).

A maricultura de um determinado lugar sofre o impacto das práticas e características da tecnologia utilizada na maricultura em outras partes do mundo. Por outro lado, o tipo de relações estabelecidas entre homem e natureza e dos homens entre si num lugar específico também são determinantes e isso se aplica à maricultura. O lugar onde a economia acontece pode ser um espaço do acontecer solidário, em que as populações resistem às formas capitalistas de produzir a vida em comum. Em Niterói, a *Associação Livre dos Maricultores de Jurujuba* é uma iniciativa que merece, neste sentido, nossa atenção.

Apesar de permeadas por grandes dificuldades, contradições e desafios, existem algumas experiências concretas no nosso país e fora dele, apontando a possibilidade de se construir e consolidar formas de se relacionar com a natureza e os seres humanos, através do trabalho, com base nos princípios da Economia Solidária.

Recursos didáticos

1- Vídeo sobre a atividade da Associação Livre dos Maricultores de Jurujuba:



<http://migre.me/9oFtA>

2 - Texto sobre a Associação Livre dos Maricultores de Jurujuba

A ASSOCIAÇÃO LIVRE DOS MARICULTORES DE JURUJUBA tem o objetivo de realizar o cultivo, a pesca e a comercialização de mariscos. O grupo foi criado em 1990 para associar e organizar pescadores no bairro de Jurujuba, em Niterói. No início eram 25 famílias; hoje, já são 60 que participam da Associação. Eles participam das associações *Colônia de Pescadores Z8* e na Fapesca.

Tiveram apoio da ITCP COPP - UFRJ e de uma ONG subvencionada pela Petrobrás. O apoio, além de outros aspectos, consistiu em materiais indispensáveis ao trabalho, como barcos. A maioria dos pescadores não possui barcos próprios e necessitam trabalhar em barcos emprestados. Na associação, os pescadores podem deixar suas mercadorias e utilizar o *freezer*, por exemplo, a fim de que sua pesca não estrague. Uma das maiores dificuldades atuais é o pequeno espaço que possuem para organizar a pesca, já que o mesmo também é dividido com o transporte de passageiros (Barcas). A solução para esse problema, sendo eles, só seria possível por meio das “autoridades”.

A associação é reconhecida no bairro de Jurujuba e também pela associação de moradores. Como ponto positivo, segundo um dos associados, é responsável pelo sustento de muitas famílias, *“Os pescadores que até então não eram reconhecidos, saíram do anonimato. Além de que houve uma melhora no espaço urbano do bairro onde residem”*, defende.

Atualmente, a relação com a escola do bairro é algo a ser construído. Há que pensar em como ela poderia ajudar na formação de grupos, como o da associação. Os associados não tiveram educação formal, e a percepção da necessidade da escolaridade não é muito clara.

Percebem que a aplicação na gestão da associação dos princípios da economia solidária e na autogestão ainda é um desafio a ser enfrentado.

Passo a passo:

1 - Assistir ao vídeo e debater com os trabalhadores-estudantes. Sugestões de perguntas: quem conhece a Associação? O que produzem os maricultores?



DICAS

- Para saber mais sobre as relações do ser humano nos espaços e tempos que habitam, consulte a obra do geógrafo brasileiro Milton Santos no site <http://miltonsantos.com.br/site/>



O geógrafo Milton Santos

Quais as etapas do processo de trabalho que podem ser identificadas no vídeo? O que pode ser percebido da relação do ser humano com a natureza? Que conhecimentos os maricultores precisam ter para realizar o seu trabalho? O que será que aprendem no próprio fazer do trabalho? Que relações a Associação estabelece com outras entidades locais ou de fora do lugar?

2 - Leitura do texto sobre a Associação, em grupos. Os estudantes destacam dois aspectos que chamaram a atenção no texto e registram no papel, justificando. Os estudantes identificam outras informações que gostariam de obter a respeito da Associação.

3 - Apresentação das reflexões dos grupos e discussão com toda turma a respeito do que for relatado e discussão sobre formas de ampliar informações sobre a Associação e também sobre a maricultura em outros lugares do mundo.

Avaliação

Solicitar que os estudantes expressem, em desenho, as relações da Associação com entidades, organizações e natureza, tanto em nível local como em outros níveis, e que coloquem um título para o mesmo. A análise do material será feita à luz dos objetivos da atividade.



Francisco Eduardo



Componente curricular: História

Conteúdo: A história como resultado da ação de homens e mulheres no, e com o, mundo.

Objetivo: Identificar o movimento de Economia Solidária como manifestação histórica da luta dos trabalhadores e trabalhadoras para criar formas de viver em sociedade alternativas ao capitalismo. Reconhecer mulheres e homens como seres que fazem a história.

“Quem sabe faz a hora, não espera acontecer!”

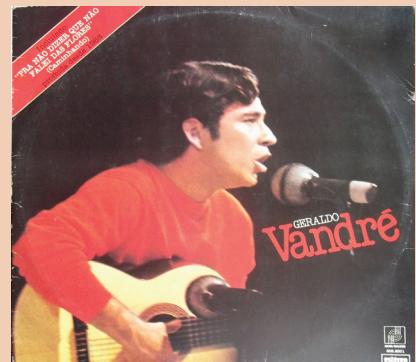
O movimento da economia solidária, atuante em várias regiões do mundo, propõe, dentre outras coisas, a criação de organizações de trabalho associado e autogestionário. Tais formas de trabalho têm o objetivo de romper com a lógica capitalista de organização do trabalho, promovendo a autogestão, a divisão justa das sobras e uma estrutura mais dinâmica e horizontal da produção. Além disso, incorporam a questão ambiental e o consumo consciente como parte intrínseca de sua concepção.

Trabalhar de forma associada, autogerir o trabalho e a vida são um sonho acalentado há muito tempo. Em diferentes tempos e espaços, ao longo da história da humanidade, homens e mulheres que vivem de seu trabalho organizam-se para desvencilhar-se das amarras de todas as formas de opressão que os impede de realizarem, com plenitude, a sua condição humana. Com a queda do muro de Berlim, a dissolução da União Soviética e a abertura da China ao mercado internacional, muitos pensadores e dirigentes políticos afirmaram que o sistema capitalista havia se consolidado definitivamente como a única opção de viver em sociedade. No entanto, a condição ontológica dos seres humanos de transformarem a natureza e a cultura os constitui como seres que fazem história; mas o fazem em determinadas circunstâncias; isto é,



DICAS

- Estude com os trabalhadores-estudantes a letra e música “Pra não dizer que não falei de flores” de Geraldo Vandré.
<http://migre.me/9oFxJ>



não podem tudo! Assim, a formação social capitalista é uma dentre outras manifestações históricas de organização da economia, da política, da cultura e demais dimensões da vida em sociedade.

O movimento da Economia Solidária, no seio do capitalismo, emerge na história como uma prática que busca superar as mazelas do capitalismo. Existem diversos exemplos de organizações de trabalho associados que compõem este movimento, as cooperativas são as mais conhecidas. Há de se alertar, evidentemente, que nem todas as cooperativas operam com os preceitos da Economia Solidária. De toda forma, apesar das grandes dificuldades que enfrentam para se consolidar, estão aí e são alternativas que anunciam a esperança de outro mundo possível, ao mesmo tempo em que estabelecem elos, e também ruptura, com outras experiências de luta da história da classe trabalhadora. Essas experiências estão aí, fazendo a história atual, e precisam adentrar os currículos escolares. Vida e conhecimento tramam-se mutuamente na produção histórica da existência humana. Conhecer as práticas sociais para melhor entendê-las é condição para mudar os rumos da história humana.

Recursos didáticos:
 Vídeo da história da Cooperminas (antiga CBCA)



<http://migre.me/9oFIP>

Passo a passo

1 - Assistir ao vídeo. Debater sobre aspectos que chamaram a atenção, enfatizando a dimensão histórica; isto é, as determinações escolhas humanas que se produzem num determinado contexto histórico e como os saberes dos trabalhadores foram incorporados na criação da Cooperminas.

2 - Pedir para os estudantes se organizarem em gru-



DICAS

- Leia o livro de Paulo Freire “Pedagogia da Esperança” e atentar para a categoria inédito-viável em que se pode refletir sobre a utopia concreta que implica em fazer historia considerando-se as situações-limite.



Cooperminas

pos e criarem empreendimentos econômicos solidários fictícios. O importante é fazer com que os estudantes-trabalhadores consigam incorporar os seus saberes – de trabalho e da vida – no projeto de criação do empreendimento.

3 - Solicitar a apresentação de suas propostas e promover um debate a partir das mesmas. Fazer perguntas que os provoquem a pensar se os saberes dos trabalhadores-estudantes foram articulados com princípios, conceitos e práticas da Economia Solidária e, ainda, que conhecimentos seriam ainda necessários para implementar as propostas. No debate trazer informações sobre alguns momentos-chave da história social em que se evidenciem tentativas de organizar a sociedade de forma alternativa ao capitalismo. Enfatizar que o movimento da Economia Solidária é um sujeito coletivo que faz história no dia a dia e nos momentos de organização e mobilização coletiva.

Avaliação

Propor aos estudantes que, em grupos, escrevam um pequeno texto sobre o tema: **trabalhadores/as unidos podem mudar os rumos da história**. Os textos são lidos em sala de aula e o professor com eles avalia o conteúdo considerando os objetivos da atividade.



Componente curricular: Língua Portuguesa

Conteúdo: Leitura, interpretação, escrita e oralidade.

Objetivo: Identificar as diferenças entre as necessidades individuais e coletivas. Observar a influência e a importância do grupo em nossas decisões.

Viva o trabalho coletivo!

“A rua nasce, como o homem, do soluço, do espasmo. Há suor humano na argamassa do seu calçamento. Cada casa que se ergue é feita do esforço exaustivo de muitos seres, e haveis de ter visto pedreiros e canteiros, ao erguer as pedras para as frontarias, cantarem, cobertos de suor, uma melopéia tão triste que pelo ar parece um arquejante soluço. A rua sente nos nervos essa miséria da criação, e por isso é a mais igualitária, a mais socialista, a mais niveladora das obras humanas.”

(A alma encantadora das ruas, João do Rio)

A escola é um lugar de trabalho e de aprendizagem permanente. O educador não é aquele que somente ensina, mas aquele que proporciona aos educandos a oportunidade de se desenvolverem compartilhando experiências e participando ativamente de todo o processo do conhecimento. Para isso, é fundamental repensar na organização da sala, no planejamento das aulas, na divisão de tarefas, no método de avaliação e tudo o que puder ser decidido coletivamente para uma vivência, na escola, dos princípios do trabalho associado e autogerido. Aproximar a vivência de sala de aula ao modelo solidário de grupo de trabalho associado é um desafio enriquecedor tanto para o professor quanto para os estudantes, pois transforma imediatamente a teoria em prática, sendo mais facilmente entendida por todos. Tal vivência escolar é passo fundamental para a elevação da autoestima e da valorização do ser humano através do aproveitamento das capacidades individuais e coletivas dos grupos sociais, na escola ou fora dela. Revitali-



DICAS

- Sobre experiências de trabalho associado, assista também o vídeo *Mulheres do Salgueiro*



see in our logo, the "S" symbolizes the female, basically placing valuing in women.



<http://migre.me/9oFQS>

zando as relações interpessoais, certamente perceberemos um maior dinamismo na comunicação verbal, oral ou escrita, pois a Língua Portuguesa é potencializada se for utilizada em nome da liberdade de expressão e atuação num espaço que é comum a todos.

Recursos didáticos:
Vídeo UNIVENS



Passo a passo

1 - Assista ao vídeo da UNIVENS e provoque a discussão sobre experiências coletivas de trabalho.

2 - Com base no vídeo explique qual a importância da expressão oral e escrita e, também, de saber escutar para trabalhar de forma coletiva e com base na auto-gestão.

3 - Proponha a construção coletiva da Carta de Princípios da turma de Eja:

a) Cada componente recebe alguns pedaços de papel em branco para escrever o que, segundo a sua percepção individual, é dispensável e também o que é essencial para a integração e desenvolvimento do trabalho coletivo.

b) Em seguida, alguns se voluntariam para recolher as tiras e fixá-las em duas colunas de um cartaz com a seguinte divisão: 1. “Sim” ou “O que queremos” e 2. “Não” ou “O que não queremos”.

c) Afixado o cartaz, o grupo discute se as intenções individuais correspondem às necessidades do coletivo.

d) A turma elabora coletivamente um texto/carta a partir das resoluções do grupo.

4. Para finalizar a atividade, explique porque a Carta pode ser alterada de acordo com a demanda do grupo.

Avaliação

Análise do conteúdo da Carta de Princípios e do desempenho dos estudantes na realização da atividade.



DICAS

- Procure no Portal do Trabalho e Emprego informações sobre políticas públicas em Economia Solidária:
www.mte.gov.br

Componente curricular: Matemática

Conteúdo: Regra de três simples

Objetivo: Criar e resolver problemas do cotidiano do trabalho associado.

A arte de tramar iniciativas de trabalho associado.

Face aos problemas e desafios com que frequentemente se vê confrontada, a classe trabalhadora organiza-se coletivamente para enfrentá-los. O desemprego produzido no contexto do capitalismo tem sido uma das chagas mais brutais para os que vivem de seu trabalho (e não da exploração do trabalho alheio). No entanto, a classe trabalhadora inventa e reinventa caminhos para enfrentar o cerne do problema: um deles é tornar-se dono dos meios de produção e controlar o processo de trabalho. Isto é, tomar em suas mãos o que lhe tem sido negado pelo capitalismo. Autogerir o trabalho e a vida de forma coletiva e democrática.

Homens e mulheres têm experimentado, com base em seus saberes da vida, do trabalho e escolares, formas de realizar a autogestão. Como seres históricos e, portanto, inacabados, vão criando o ‘novo’ num diálogo permanente com formas já vivenciadas de trabalho associado. As mulheres têm se destacado como artífices da autogestão. Sua experiência com o cuidado da vida tem gerado saberes que vão se enredando com outros e, por fim, se materializam em práticas coletivas associadas.

Maria, que participa de uma cooperativa, é considerada uma mulher “arteira”. Não porque seja bagueira, mas por produzir arte e, de forma ecologicamente sustentável, faz um trabalho excelente na



DICAS

- Visite a cooperativa Mulheres Arteiras. Endereço: Rua Arthur Bento Moura, 20 – Badú – Niterói – RJ – CEP: 24315-450 Tel.: (21) 3704-530



cooperativa. Um dos desafios cotidianos na gestão do trabalho da cooperativa *Mulheres Arteiras* é fazer cálculos para diferentes fins, como o que se segue.

Depois do recolhimento de 650 garrafas PET, Maria viu-se obrigada a recolher mais um número X de garrafas para a confecção de 50 pufes encomendados por uma pequena loja do centro de Niterói. Para a confecção de um pufe, são necessárias 20 garrafas PET. Qual é o número X de garrafas que Maria precisou recolher para poder finalizar a encomenda? Questões como essas precisam ser bem respondidas para que as dimensões técnica e política do trabalho associado caminhem juntas.

Recurso didático:

1) Texto *Mulheres Arteiras*

“**Mulheres Arteiras**” é o nome de uma cooperativa, cujas atividades iniciaram no ano de 2006, com o Projeto de Geração de Trabalho e Renda do Programa Habitar Brasil - BID, desenvolvido pela Secretaria Municipal de Assistência Social da Prefeitura de Niterói. Através da realização de diversos cursos dirigidos às mulheres do Morro da Cocada e adjacências, em 2007 formou-se um grupo de artesãs com o intuito de constituir uma cooperativa. Do último curso que participaram – Confecção de pufes com estrutura de garrafas PET para utilização doméstica, em escritórios e para ambientação de festas –, surgiu o embrião da Cooperativa *Mulheres Arteiras*. Sua primeira exposição foi na XXV FIC-Feira de Integração Comunitária, em novembro de 2007, no Ginásio Caio Martins, em Niterói.

Legalizada desde agosto de 2008, a Cooperativa tem se desenvolvido e se tornou conhecida na região pela qualidade de seus produtos. Participou de várias exposições e feiras, tanto no Rio de Janeiro quanto em Niterói, e está apta a fornecer seus produtos no varejo ou no atacado para o grande comércio .



DICAS

- Ler o verbete **Saberes do trabalho associado**, de Lia Tiriba e Maria Clara Bueno Fischer (disponível em PDF na Sala de Leitura de nossa Biblioteca Virtual).

Os instrumentos de trabalho e outros bens pertencem a todas igualmente, sendo que as duas primeiras máquinas pertenciam a duas costureiras. Mais tarde, com o prêmio obtido da Caixa Econômica Federal, o grupo comprou outras máquinas, que pertencem ao coletivo.

As decisões são tomadas coletivamente, em reunião. Todos têm o mesmo direito de falar e de votar; cada cooperado tem direito a um voto e um cooperado não pode votar representando outro que não foi na reunião. Sendo necessárias tomadas rápidas de decisões, as pessoas que no momento estão presentes na cooperativa, o fazem.

No início, o empreendimento contava com o trabalho de 25 pessoas, mas atualmente são apenas 12 mulheres que estão na batalha diária. O nível de escolaridade das mulheres está entre ensino fundamental e o ensino médio. Entendem que o estudo é importante “*pra você poder participar dos acontecimentos do mundo. Assim, não se fica perdido em conversas*”. No entanto questionam a possibilidade das escolas ajudarem na formação de grupos de trabalhadores associados.

Texto retirado, com algumas adaptações, da página de divulgação oficial da Cooperativa.

www.mulheresarteiras.com.br/

Passo a passo

1 - Leitura do texto e/ou projeção do site de divulgação da Cooperativa Mulheres Arteiras.

<http://migre.me/9oGow>

2. - Em grupos e, depois, no grande grupo:

2.1 - Reflexão sobre diferenças e desafios entre



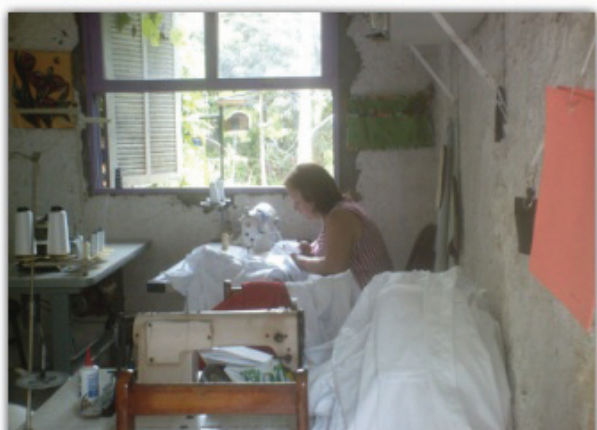
trabalhar de forma associada e autogerida e trabalhar como empregado assalariado, especialmente no que diz respeito ao controle do processo de trabalho. Como se calcula o valor da força de trabalho?

2.1 - Reflexão sobre o domínio dos saberes escolares para autogerir o trabalho e a vida. Em que a matemática pode ajudar?

3 - Em duplas: Resolução do problema matemático apresentado no texto.

4 - No grande grupo: Análise das respostas dadas ao problema matemático.

Avaliação: Tendo em conta a experiência das Mulheres Arteiras, solicitar que os estudantes-trabalhadores criem outros possíveis problemas técnico-políticos que precisam ser resolvidos com regra de três.



Mulheres Arteiras

Componente curricular: Orientação Profissional

Conteúdo: Dimensões técnico-políticas da organização do processo de trabalho associado.

Objetivos da Atividade: Identificar princípios e saberes necessários para organizar um empreendimento de Economia Solidária

Pensar e fazer coletivamente o trabalho

Já sabemos que todo ser humano trabalha. No entanto, precisamos considerar a forma como está organizada a sociedade, como se dá a divisão de trabalho e também de riquezas. No capitalismo, o que os empresários esperam é que executemos tarefas que viabilizem o alcance de metas por eles definidas. Às vezes, podemos ter algum tipo de participação na definição de como tais metas serão alcançadas, mas a organização do processo de trabalho é, principalmente, baseada na heterogestão. Isso significa que a gestão do trabalho obedece a uma hierarquia baseada em relações assimétricas de poder. Nesse contexto, embora fundamentais para a produção acontecer, os saberes dos trabalhadores não são reconhecidos em termos políticos (poder) e tampouco em termos econômicos (melhor remuneração).

O movimento da Economia Solidária, da autogestão do trabalho e da vida social, implicam, necessariamente, em outra forma de organização do processo de trabalho. Assim, torna-se necessário modificar as relações de poder e resignificar os saberes dos trabalhadores/as, alterando radicalmente a relação entre fazer-pensar e poder.



DICAS

- Proponha atividades em que os trabalhadores-estudantes da EJA sistematizem sua experiência de trabalho, dando ênfase para a análise dos saberes que vêm acumulando ao longo da vida nas suas trajetórias profissionais.



Como espaço de pensar criticamente sobre a vida, é fundamental que a escola, com apoio dos conhecimentos científicos/escolares, problematize a relação entre as dimensões técnicas e as dimensões política da atividade do trabalho. Dessa maneira, a escola pode contribuir para capacitar os trabalhadores-estudantes para ampliação de seu poder. Essa discussão ganha ainda mais vida quando nos propomos a pensar outras formas de organizar o trabalho, a economia, a educação e a sociedade em geral. Vamos lá?

Recursos Didáticos: Folha de papel A4 com os seguintes princípios da Economia Solidária impressos:

- 1 - Valorização social do trabalho humano
- 2 - Satisfação plena das necessidades de todos como eixo da criatividade tecnológica e da atividade econômica;
- 3 - Reconhecimento do lugar fundamental da mulher e do feminino numa economia fundada na solidariedade;
- 4 - Busca de uma relação de intercâmbio respeitosa com a natureza;
- 5 - Valores da cooperação e da solidariedade.

Passo a passo:

- 1 - Dividir a turma em grupos para discutir os princípios da Economia Solidária;
- 2 - Pedir que cada grupo crie/simule uma unidade de produção associada, fundada nos princípios da Economia Solidária. Se desejar, use as perguntas abaixo para orientar os estudantes:



DICAS

- Consulte o **Guia de Economia Solidária**. FRANÇA, Barbara Heliodora; BARBOSA, Érica; CASTRO, Rafaelle e SANTOS, Rodrigo. Niterói: EDUFF, 2008, p. 79-98.



O que você sabe fazer? O que você gosta de fazer?
O que você não sabe fazer? O que você não gosta de fazer?

O que você gostaria de aprender? O que você gostaria de ensinar?

Que tipo de unidade de produção vocês gostariam de organizar? Por quê? Para quê?

Qual o nome que dariam?

O que e para quem vocês iriam produzir?

Como se daria a divisão do trabalho? E das sobras?

Haveria divisão de poder e de responsabilidades? Por quê? Como seria essa divisão?

4 - Num grande círculo, cada grupo apresenta o resultado de seu trabalho e, sob a orientação do professor, a turma discute sobre os saberes e os princípios da Economia Solidária presentes nos empreendimentos por eles criados/simulados.

Avaliação:

Depois de finalizada a apresentação e discussão, cada grupo sistematiza, por escrito: a) como materializaram os princípios da Economia Solidária no empreendimento que criaram; b) quais saberes seriam necessários para viabilizar política e tecnicamente o empreendimento.



DICAS

● Sobre saberes técnico-políticos e a importância da escola, leia o artigo. **Processo de trabalho e processo educativo. Notas sobre o período de ouro da educação de adultos em Portugal**, de Lia Tiriba (disponível na Sala de Leitura de nossa Biblioteca Virtual).



Palavras de trabalhadores -estudantes...



Palavras de trabalhadores-estudantes...

E se a gente se juntasse para trabalhar? Como ia ser?

*Se a gente se juntasse
Pra trabalhar? Como ia ser?
Será que seria mais fácil?
Pra gente se viver?
Fico só pensando.
Nossa grande união.
Pobre, rico como um grupo de irmão!
Sem olho grande e sem inveja.
Nesse grupo não haveria tragédia.
Todos pensando no próximo.
Se esse trabalho der certo, todos vão ser prósperos.*

*E nessa rima
Deixamos o nosso recado!
O aluno Douglas
E o aluno Thiago.*

Douglas e Thiago

O que será que trabalhador/as estudantes querem dizer com “Pobre, rico como um grande grupo de irmãos!?”

A união faz a força

Seria bom

Se todos tivessem

Os mesmos pensamentos,

Porque a união faz a força.

Se nós não nos unirmos,

Como podemos construir um mundo melhor?

A união traz a força

A força traz o trabalho

O trabalho traz alegria

A alegria traz a felicidade.

Guilherme, Ricardo e Dona Alzira

**O que desejam os trabalhadores/as ?
Por que eles querem se associar? Para
explorar a força de trabalho alheia
ou para construir um mundo sem
explorados e explorados?
A união faz a força?**

**E se a gente se juntasse para
trabalhar? Como ia ser?**

*Eu e um grupo de amigos nos reunimos
pra tratar de um assunto importante.
Com a falta de emprego, currículo não adianta.
Foi quando surgiu a ideia de sermos ambulantes.*

*Fizemos um levantamento de todos que ali estavam
para fazermos o cálculo de quanto precisava
uns tinham um pouco, outros um pouco mais
vendemos algumas coisas para alcançar o valor
e colocamos em prática nosso plano a todo vapor*

*Ficamos muito felizes com a empolgação de todos
Encomendamos as mercadorias e esperamos chegar
Passando alguns dias, as mercadorias chegaram
Todos muito animados pegaram as suas partes
Cada um em suas esquinas, mercadorias não sobraram*

*Ao final do mês, quando todos se reuniram
Viram o inacreditável, aquele grupo de amigos
venceram a primeira batalha, ficaram tão empolgados
que fizeram um churrasco com suas famílias
E alerta! A humildade sempre vence o egoísmo e os
orgulhosos.*

Elizabeth e Dona Teresinha

**Qual seria a primeira batalha a que os
trabalhadores estudantes se referem?
Quais seriam as outras batalhas a serem
vencidas?**

Viva a pedagogia da pergunta!



Participantes do curso EjaEcosol

Produção associada de saberes

A Economia Solidária é uma ato pedagógico em si mesmo, na medida em que propõe nova prática social e um entendimento novo dessa prática. A única maneira de aprender a construir a Economia Solidária é praticando-a. Mas seus valores fundamentais precedem a sua prática.

Paul Singer, A economia solidária como ato pedagógico

Criando grupos de produção associada

Vejam a rica produção de saberes sobre Economia Solidaria que resultou de uma oficina feita com professores do Curso EJA Ecosol. O resultado mostra o potencial que existe, em termos de produção de conhecimento, quando grupos de pessoas se juntam para pensar sobre como o trabalho associado pode acontecer. Uma verdadeira “produção associada de saberes”!

A proposta da dinâmica, resumidamente, é dividir os trabalhadores-estudantes ou os próprios professores com a intenção de criar grupos de produção associada. O objetivo é que os grupos discutam e elaborem um texto que responda a seguinte questão: em que medida as relações de trabalho e de mercado que vislumbramos contrariam a lógica da economia capitalista? Que dificuldades vão encontrar?

Grupo 1

Plantando Arte (Hortas orgânicas e plantas ornamentais).

O trabalho será organizado por tarefas feitas por todos do grupo, que não terá líder, cabendo a todos a decisão por votação. O grupo não terá empregados, a associação trabalhará com os próprios associados, que dividirão as sobras entre os membros, descontando os valores a serem debitados. A divisão dos valores estará diretamente ligada à proporção de trabalho de cada um, conforme critérios estabelecidos por horas de trabalho. As outras necessidades do grupo serão supridas por trocas.

Grupo 2*Escola: Transformadores pelo Saber.*

“Em princípio, a escola seria municipalizada com gestão democrática, sem a figura de um só gestor. A escola seria gerida por um Conselho Representativo, que teria um representante de cada segmento. As funções seriam definidas de acordo com a profissionalização, desejos e habilidades de cada um. A organização curricular não seria pautada apenas nos conteúdos programáticos e nem organizadas por disciplinas, mas, sim, em oficinas pedagógicas, levando em consideração as áreas do conhecimento em uma proposta que vise à multidisciplinaridade e a interdisciplinaridade. Todas as decisões seriam tomadas pelo coletivo, com direito à voz e ao veto garantido a todos. O estilo de participação visaria à formação integral humanizadora do aluno, implementando melhorias na qualidade de ensino da escola pública. Seria uma escola que pudesse ser escolhida pelos profissionais, pais, alunos e comunidade de um modo geral.

Grupo 3*Centro de Múltiplos Saberes*

A estrutura do Centro de Múltiplos Saberes será equivalente a de uma cooperativa. Todos os membros prestarão serviços (gerência/administração, cursos oferecidos) com alternância: num período um grupo gerencia o negócio e, no outro, ensina. Com isso, todos têm igual importância dentro do empreendimento. Considerando que todos oferecerão o mesmo número de horas, as sobras serão distribuídas igualmente. Neste empreendimento não haverá contratação de trabalhadores assalariados. A maior dificuldade é iniciar a proposta. Necessitamos de capital para viabilizar os meios de produção (local, equipamentos, etc).

Grupo 4*Auto-escola Auto Sol*

O grupo surgiu da necessidade da maioria dos professores da sala em perder o medo de aprender a dirigir. A auto-escola terá uma divisão de saberes, musicoterapia, cantina e produção de uniformes. Trabalho será em parceria, a liderança do grupo escolhido por votação. Não teremos trabalhadores assalariados. A solução dos problemas se dará por meio de assembleias. Teremos que ter comprometimento e envolvimento; vamos construir um Regimento Interno, com direitos e deveres. Vamos dividir igualmente a sobra por horas trabalhadas – porém, com a vivência, vão modificar para melhores práticas. Queremos viver a solidariedade na prática; romper com a lógica capitalista.

Grupo 5
Ecopouso

Será uma pousada organizada com pessoas “sócio-solidárias”. Edilene: recepção; Vanderli: controle de hospedagem; Mauro e Genilson: cozinheiros; Osvaldo: maitre; Moiza: responsável pelas compras e controle. Sem hierarquia: o trabalho é planejado por todos e cada um é responsável pelo trabalho realizado. Vai funcionar em regime de autogestão. No começo, uma vez que exista dificuldade das pessoas em se adaptarem à Economia Solidária e em aceitar trabalhar sem carteira assinada, a Ecopouso contratará oito funcionários com carteira assinada. No entanto, eles terão participação nos resultados (sobras). Funcionários: dois para a cozinha; dois copeiros; duas arrumadeiras; dois garçons; dois para limpeza geral. Planejamento: decide-se com reunião semanal. A partir do plano de contas: entradas e saídas, despesas gerais e formação dos funcionários para ingressar no empreendimento, voltado para uma administração de Economia Solidária. O excedente será dividido igualmente com os sócios, administradores e funcionários contratados.

Grupo 6
Reciclart

É uma empresa de artesanatos produzidos com material reciclado. Nosso grupo de produção associada contraria a lógica capitalista, uma vez que conscientizamos as pessoas da necessidade de guardar os materiais úteis para a produção dos artesanatos e, também, para a mudança dos hábitos de consumo. Cada um, dentro de suas habilidades, fica com a tarefa de produzir determinado artesanato. A riqueza produzida será dividida igualmente por todos os produtores. Com o passar do tempo, trabalhadores assalariados serão contratados para fazer a divulgação dos produtos e oferecer no mercado consumidor.

Grupo 7
Cooperativa Altas Festas

Voltada para produção de eventos. “Organizando o processo: Alzira (doces); Glória (salgados); Fabíola (animação); Hilda (figurinos, painéis); Eliana (música ao vivo). Não há hierarquia, todas são responsáveis. Contratos: no início, haverá apenas troca de experiências para que haja colaboração mútua na realização das atividades. Diferenciação dos estilos de participa-

ção cooperada da participação capitalista: pensamos que um elemento preponderante para que isso se faça é a realização de reuniões de planejamento estratégico, onde todos tenham voz para haver as tomadas de decisões. Divisão de riqueza: todos investirão a mesma quantidade em termos de valores financeiros, e o mesmo se fará no que diz respeito à divisão do produto, independentemente do esforço físico e tempo utilizado para a realização do trabalho.

Grupo 8

Pintamos e Bordamos

É uma associação de mulheres que pintam e bordam. Nossa associação visa a oferecer oficinas de capacitação de pessoas para trabalhos manuais, como: pintura em caixa, unhas decoradas, biscuit, tricô, crochê e bordado em bijuterias. As associadas contribuirão com capital pessoal para pagamento dos custos de materiais e os lucros serão divididos igualmente. Para entrar na associação, deverão todos ter o mesmo capital. Uma das ações que visam a contrapor a lógica do mercado seria a nossa participação em feiras de troca e priorizar produtores que façam parte de redes da economia solidária ou empresas que tenham responsabilidade social para com seus funcionários (divisão de lucros). O grande problema encontrado está na compra dos produtos e no oferecimento de nossos serviços que, necessariamente, deverá também tentar se incluir no mercado capitalista. Dificuldades: trabalhar sem contrato ou carteira assinada; compra de insumos que são produzidos dentro do sistema capitalista.

Grupo 9

S.O.S.: Serviços domésticos, artes e habilidades.

O grupo se organizará como uma cooperativa de prestação de serviços diversos: culinária, jardinagem, higienização e organização de ambientes, artesanato, decoração, consertos e reparos de roupas e outros, conforme a demanda. Não haverá hierarquia, todos os assuntos serão decididos em assembleias por votos, buscando relações horizontais e dialógicas, em contraposição às relações capitalistas de trabalho. Um dos cooperados ficará responsável pelo contato direto com clientes, orçamentos, compra de materiais e serviços administrativos em geral. Os demais cooperados irão à casa dos clientes. Não haverá contratação de assalariados. Os rendimentos e despesas serão igualmente divididos, ou seja, não há lucro através da exploração de um sobre outro, contrariando, assim, a lógica capitalista.

Grupo 10

Conjunção de Atividades (Aulas de música, culinária).

Visamos cada vez mais trabalhadores que realizem atividades, que realizem trabalhos ativos, que propiciam a troca de conhecimento onde todos trabalham. Queremos dar atividades ao maior número de pessoas para que todos trabalhem e recebam também várias formas de serviços. “Necessariamente não se necessita de um emprego, mas sim de um trabalho que sobreviva à lógica do mercado capitalista” .

Grupo 11

Produção de Festas

Nossa empresa será organizada por um grupo de oito pessoas. Cada uma delas ficará responsável pelas atividades de animação, confecção de ornamentos, etc. Não há hierarquia. Teremos um coordenador, que será eleito pelo grupo. Não haverá contratação de trabalhadores assalariados, uma vez que os associados são os próprios trabalhadores. Neste sentido, as decisões serão tomadas pelo grupo através de reuniões constantes onde, muitas vezes, teremos opiniões conflitantes. Os frutos desse trabalho serão divididos de forma igualitária entre todos, independentemente do trabalho exercido. Para sobreviver à lógica capitalista, o grupo aceita a participação de outras pessoas para somar esforços diante das necessidades que surjam.

A Economia Solidária prende-se à experiência de vida pregressa dos trabalhadores, mas ao mesmo tempo a ultrapassa. (...) Trata-se de uma nova prática solidária, que se alimenta da antiga, mas exige uma formação específica. Trata-se, em essência, da construção de uma nova sociedade, dentro e em oposição à velha.



Paul Singer, A economia solidária como ato pedagógico

Atenção: O artigo de Paul Singer está disponível na Sala de Leitura de nossa Biblioteca Virtual

Ensaindo novas relações sociais de produção

Durante o Curso EJA Ecosol, foi realizada uma oficina entre os professores com a intenção de se criar grupos de trabalho associado. O objetivo foi que os grupos discutissem e elaborassem um texto que respondesse a seguinte questão: em que medida as relações de trabalho e de mercado que vislumbravam contrariam a lógica da economia capitalista? Que dificuldades iriam encontrar? Veja, a seguir, o passo a passo da oficina, que pode ser realizada com trabalhadores estudantes, professores ou com outros sujeitos .

Momento 1: Identificando os trabalhadores/as do grupo de produção:

- Quem sou eu?
- O que gosto de fazer?
- O que sei fazer?
- O que gostaria de aprender?
- O que posso ensinar?
- Podemos nos associar?



Momento 2: Definindo as regras do jogo

2.1 Quanto ao produto e às relações de mercado

- O que os vamos produzir?
- Porque queremos produzir isto e não aquilo?
- Onde e como vamos vender?
- Quem será beneficiado com o produto? Os trabalhadores? A comunidade? Ambos? Como?
 - Como vamos fazer para estabelecer o preço das mercadorias/serviços?
 - Que tipo de relação produtor-consumidor vamos estabelecer? A relação com o consumidor termina no ato da venda?
 - Como a comunidade local se apropria dos frutos de trabalho? A relação com a comunidade é meramente comercial? Ou pressupõe o engajamento dos trabalhadores em atividades educativas e culturais junto à população local?
 - É possível inserir-se tanto na esfera do mercado capitalista como na esfera de um 'mercado solidário'?
 - Quais os critérios para competir no mercado? Até que ponto vale a pena competir? Em nome de quê?

2.2 Quanto às relações de trabalho:

- Como vamos organizar o processo de trabalho? Quem faz o quê?
- Existe algum tipo de hierarquia? Quais os critérios para saber quem coordena o trabalho?
- Os associados vão contratar trabalhadores assalariados? Vai existir exploração do trabalho alheio?
- É possível pensar uma gestão cooperativa de maneira a garantir – horizontalmente – o exercício de falar, escutar, duvidar, criticar, sugerir e decidir? Como? Como o estilo de participação pode se diferenciar do estilo de participação capitalista?
- Como organizar a produção de maneira que todos se tornem atores-protagonistas do processo de produção? O processo permite que todos – e não somente alguns – sejam capazes de compreender os princípios fundamentais da gestão, tendo acesso aos conhecimentos necessários que lhes permita questionar, propor mudanças e decidir sobre qual o melhor tipo de gestão administrativa, financeira e jurídica que melhor atenda aos interesses coletivos?
- Como vamos dividir a riqueza produzida? Todo mundo ganha a mesma coisa? Quais os critérios para dividir os frutos do trabalho?

Momento 3: Debatendo sobre os resultados

- Em que medida as relações de trabalho e de mercado que vislumbravam contrariam a lógica da economia capitalista? Que dificuldades iriam encontrar?

Nome do grupo:.....

Produtos/serviços:

.....

Trabalhadores/as associados:

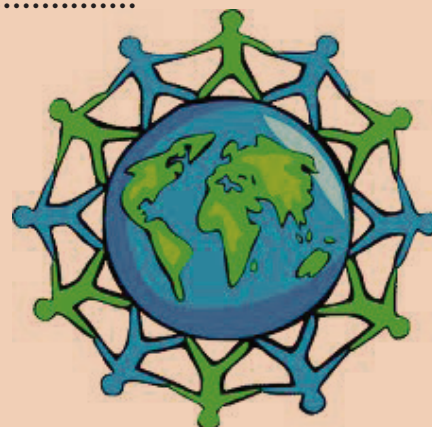
.....

.....

.....

.....

.....



Trabalho, escola e o trabalho da educação

Não é tarefa fácil produzir reflexões sobre as relações entre trabalho e educação. Algumas questões, como as que estão listadas a seguir, podem servir de ponto de partida para um debate com os diferentes segmentos da comunidade escolar. Tais reflexões são muito importantes para pensarmos o sentido do trabalho e da escola no mundo que vivemos hoje ou em outros mundos possíveis.

- ✘ O trabalho se tornou invisível?
- ✘ Como a escola vem tratando o problema do desemprego e da pobreza?
- ✘ A função da escola é preparar para o mercado?
- ✘ O que é mercado? Existem outros mercados?
- ✘ Quais as estratégias de sobrevivência dos alunos, pais, professores e demais funcionários da escola? Como eles contribuem para a renda familiar?
- ✘ Na escola, o trabalho é princípio ou fim educativo?
- ✘ Por que o trabalho está/se faz presente na vida cotidiana da escola? Os conteúdos das disciplinas são o resultado dos conhecimentos adquiridos/produzidos no mundo do trabalho?

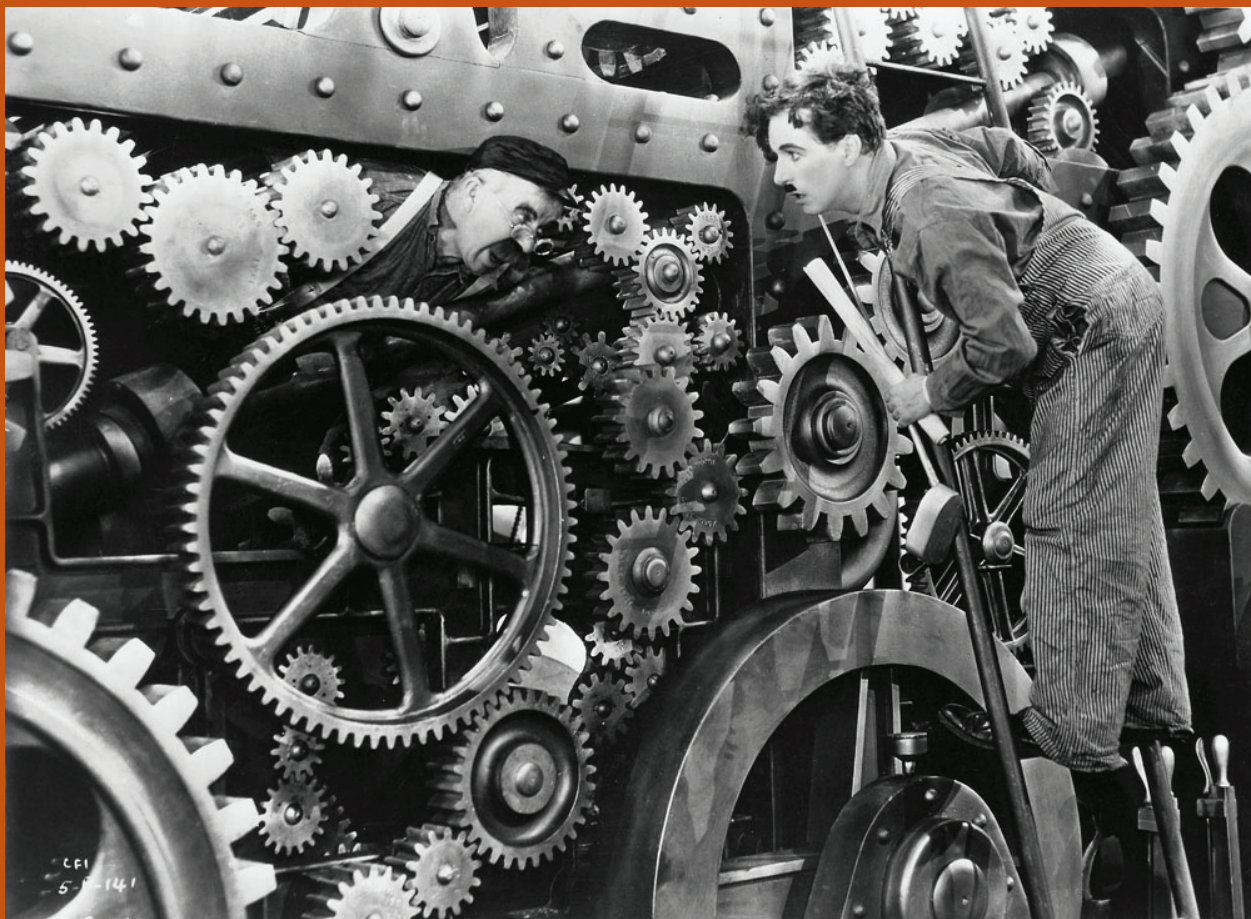
Ciências Sociais

Ciências da Natureza

Português

Matemática

Produção associada de saberes



O mundo dentro e fora da escola

Dê olho nas experiências de trabalho:

Fazer entrevistas com trabalhadores, estudantes ou não, é fascinante. E se o assunto for suas experiências de trabalho, então... Veja quantas perguntas podem orientar entrevistas sobre o trabalho. Com base no conteúdo das respostas, o professor pode desenvolver análises sobre o trabalho em relações sociais capitalistas e, ao mesmo tempo, debater sobre outras possibilidades de organização do processo de trabalho com base em outras relações sociais.

Eis algumas perguntas/pistas para conhecer o trabalho de pessoas que vendem produtos nas chamadas “feirinhas de artesanato” ou “feiras populares”, ou seja, o trabalho de quem (aparentemente) vive do trabalho por conta própria. Será que tem alguém por trás desse trabalho?

- 1) Quem é o produtor? Quem é o vendedor?
- 2) Quem é o proprietário dos meios de produção?
- 3) Quantas e quem são as pessoas que diretamente ou indiretamente participam do empreendimento (trabalham e/ou ajudam)?
- 4) Existe um patrão? E empregados?
- 5) Como se dá o processo de produção? Quem faz o que?
- 6) Quem fica com o lucro? Como ele é dividido?
- 7) Por que você resolveu desenvolver ou se envolver com esta atividade?
- 8) Há quanto tempo desenvolve esta atividade?
- 9) É possível sobreviver só desta atividade? Ou é uma complementação de renda?
- 10) Tendo em conta suas condições de vida e trabalho, que mensagem você enviaria para os professores e trabalhadores-estudantes de EJA?



Angra dos Reis

Trabalhadoras pronunciam sua palavra-vida nos empreendimentos econômicos solidários

Trabalhadoras falam de suas experiências de trabalho associado para pesquisadores e em conferência no curso de formação EJA ECOSOL. Conhecê-las nos leva a pensar sobre os saberes e valores que estão presentes no cotidiano do trabalho associado e a questionar onde e como aprenderam o que fazem. E, é claro, a interrogar sobre o que a educação de jovens e adultos tem a ver com isso.



GEMARTE

O GEMARTE é um empreendimento localizado no bairro Santa Rosa, Niterói, Rio de Janeiro. Iniciou em 2002, com 10 mulheres (mães) da comunidade local. Atualmente, o grupo continua com o mesmo número de associadas. Possuem ensino fundamental incompleto e idade entre 30 e 36 anos. Realizam atividades de costura, customização e artesanato. Trabalham com uma oficina de E.V.A (emborrachado), de culinária e de cabeleireiro. O material de E.V.A

é usado para enfeitar bolsas, flores artificiais e para fazer enfeites de aniversário. Os produtos são comercializados numa loja em Icaraí e também na própria sede do grupo na comunidade. Mantém uma creche e um berçário e contam com apoios diversos. A escola do bairro faz encomendas para decorações de festas.

O GEMARTE tem convênio com a FME (Fundação Municipal de Educação), que fornece auxílio financeiro para a merenda e o salário de funcionários da creche. É, ainda, apoiado pelo GEMA (Grupo Espírita de Amor)⁰. Os instrumentos de trabalho e outros bens para produção do grupo pertencem ao GEMA e foram comprados com recursos oriundos de doações.

A liderança neste grupo é exercida pelas supervisoras, e não por diretores eleitos. Essas mulheres “conscientizam” as mães realizando reuniões para decisões coletivas, uma vez por mês, para supervisionar a produção. Todas têm o mesmo direito de se manifestar. Cada cooperada tem direito a apenas um voto e não pode representar alguém que não tenha comparecido à reunião.

Acreditam que o estudo é importante, pois, segundo elas, é através dele que as pessoas se comportam melhor, passam a se vestir melhor e aprendem a conversar adequadamente para participar dos eventos relativos ao grupo de produção. Transmitem valores aos filhos e contribuem para livrá-los dos “braços do tráfico e da prostituição”.

Atualmente, como forma de qualificar seu trabalho, as mulheres procuram participar das formações em Economia Solidária e do Fórum local de Economia Solidária.





Mulheres do Salgueiro

Janete e Meriele foram as representantes do empreendimento Mulheres do Salgueiro que falaram na Conferência. Seguem alguns de seus depoimentos.

“Temos a autogestão, tudo é decidido coletivamente. Nós temos muito cuidado quando pessoas novas entram no grupo. Elas passam por um período de experiência, para vermos se realmente estão dispostas e têm o perfil do grupo. Não adianta a gente ter todos os princípios da Ecosol se a política pública no município ou na comunidade não funciona. Por isso, a gente participa dos fóruns, como o Fórum Municipal da Economia Solidária, para buscarmos nossos direitos.”

Oficina do Pão

Penha e Tereza são duas representantes de um empreendimento denominado de “Oficina do Pão” que falaram aos professores sobre o empreendimento. Começaram a atividade em 1999. A sede, que antes funcionava na casa de uma das associadas, atualmente está localizada num imóvel alugado.

Tereza diz que “No início, a gente também não entendia nada de Economia Solidária. Mas essa economia já é antiga. Eu me lembro que, desde pequena, a gente trocava alimentos com os vizinhos, ou seja, já fazíamos a troca. O trabalho coletivo é rico em companheirismo e entendimento. No nosso dia a dia, desabafamos uma com as outras e esse trabalho uniu as nossas famílias. A Economia Solidária vai muito além do que o grupo Oficina do Pão conhece e nós queremos conhecer mais. Nós também estamos fazendo uma faculdade trabalhando na Oficina do Pão, porque aprendemos a cada dia”. (Elas participam dos fóruns da EcoSol e fazem parte do Fórum de Economia Solidária do Rio de Janeiro desde 2001)



Algumas perguntas foram feitas pelos professores presentes à conferência, a respeito da Oficina do Pão.

1. Vocês têm parceria com outro grupo da EcoSol?

“Infelizmente nós não temos e continuamos dependendo do capitalismo, tendo que comprar os nossos ingredientes no mercado”.

2. Como é dividida a sobra?

“No final do ano, a gente decide se o dinheiro será dividido igualmente a todas do grupo ou se ele permanecerá guardado para comprar alguma coisa para a oficina”. Elas deram o exemplo do carro que usam que foi comprado com o dinheiro das sobras. Foi decidido também no grupo que não há diferença de retirada.

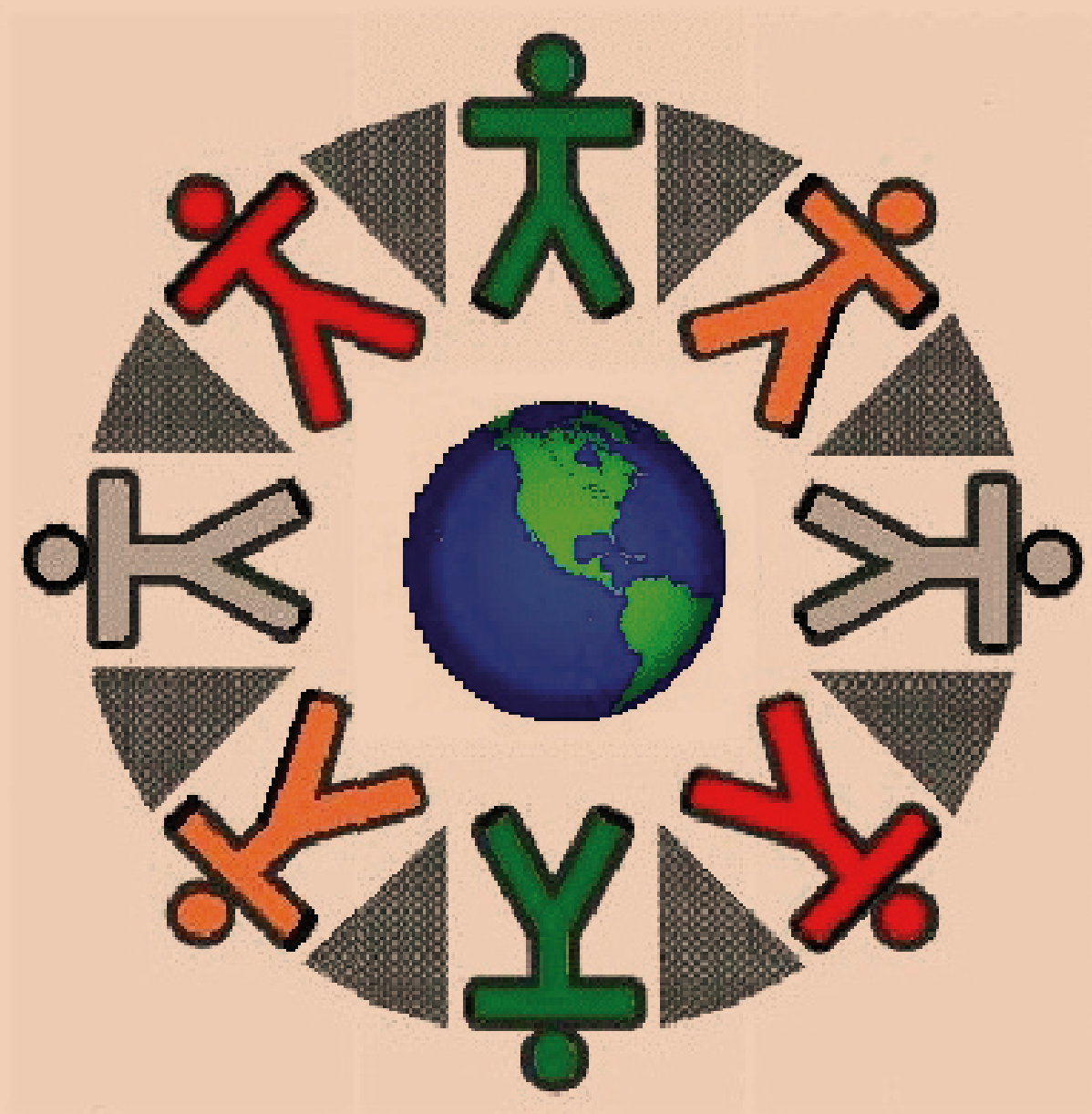
3. Outras pessoas podem entrar na oficina?

“O grupo não está fechado para outras pessoas, mas nós esperamos que pensem da mesma maneira que a gente. Nós não queremos que o grupo acabe por causa de uma pessoa que entrou na oficina e tenha ideia diferente da nossa. Antes de tudo, nós somos amigas”.

4. Como é a retirada mensal?

“Nós temos pró-labore todo mês e ganhamos de acordo com a venda do mês. A retirada é feita depois de pagarmos todas as contas. Não temos 13º salário e não assinamos carteira. Eu mesma, fiquei doente por muito tempo e recebi durante os meses que não pude trabalhar. Não tem diferença na divisão só porque uma pessoa trabalhou mais que a outra”.

(Tereza é aposentada, pagou o INSS com dinheiro também da oficina).



O que é o que é...



O que é o que é...

CULTURA DO TRABALHO

Códigos, padrões, normas, conhecimentos, saberes, crenças, valores e criações materiais que regulam as ações e comportamentos humanos nas relações de *trabalho* e no *trabalho* são adquiridos, construídos e transmitidos no e sobre o processo produtivo e permite desenvolver sentidos, gostos e julgamentos, que incidem sobre a atividade, as relações sociais e a própria vida do trabalhador. Diz respeito aos elementos materiais (instrumentos, métodos, técnicas, etc.) e simbólicos (atitudes, ideias, crenças, hábitos, representações, costumes), partilhados pelos grupos humanos – considerados em suas especificidades de classe, gênero, etnia, religiosidade e geração. Remete a objetivos e formas sobre o dispêndio da força de trabalho, maneiras de pensar, sentir e se relacionar com o trabalho. Requer compreender: a) as formas de propriedade dos meios de produção e as relações de produção que os grupos e classes sociais, historicamente, estabelecem entre si; b) os efeitos das inovações tecnológicas sobre a atividade do *trabalho* e sobre a cultura organizacional (v.); e c) o papel dos sistemas simbólicos na vida social e, em especial, dos valores morais atribuídos à atividade do trabalho.

A preparação do pão, por exemplo, requer a utilização de determinados instrumentos e técnicas de *trabalho* e o estabelecimento de normas de convivência entre os trabalhadores: se o pão é considerado sagrado e o objetivo da produção é apenas saciar a fome, se não existe a propriedade individual dos meios de produção e o produto não se separa do produtor, configura-se uma *cultura do trabalho* cujas características diferem, em maior ou menor grau, do modo como o *trabalho* se configura na produção capitalista. Remete à idéia de algo material ou imaterial que, por uma questão de gênero e/ou de etnia, por exemplo, é comum e, portanto, partilhado entre as mulheres indígenas no processo de produzir o alimento.

Se o pão é considerado sagrado e o objetivo da produção é apenas saciar a fome, se não existe a propriedade individual dos meios de produção e o produto não se separa do produtor, configura-se uma cultura do trabalho cujas características diferem, em maior ou menor grau, do modo como o trabalho se configura na produção capitalista



Determinada, em grande medida, pelas relações de produção, a *cultura do trabalho* está associada à existência de uma identidade sócio-espacial, referida a um território particular, que se inter-relaciona e interpenetra com outras identidades sócio-espaciais. Manifesta-se no cotidiano do processo de trabalho, sendo construída e interiorizada em outras instâncias de convivência, entre elas a família, escola, igreja, sindicato e outras instituições que modulam modos de vida e relações entre grupos e classes sociais. Para Palenzuela (1995: 13), atravessada por questões de classe social, gênero e etnia, a *cultura do trabalho* é o conjunto de conhecimentos teórico-práticos, comportamentos, percepções, atitudes e valores construídos a partir da inserção das pessoas nos processos de *trabalho* “e/ou da interiorização da ideologia sobre o *trabalho* e de tudo o que modula sua interação social mais além da prática de *trabalho* concreta e que orienta sua específica cosmovisão como membros de um coletivo determinado”.

Requer a articulação dos conceitos de cultura e de trabalho, que sintetizam realidades que se constroem e se modificam ao longo do processo histórico. Na origem latina, a palavra cultura designa o modo de cultivar a terra e o próprio cultivo; embora existam diversas



Debret

definições, de uma maneira geral é entendida como um conjunto dinâmico de representações, símbolos, valores e comportamentos de uma população histórica e geograficamente determinada. Indica costumes, hábitos, tradições, saberes criados e adquiridos entre os membros da sociedade e que são transmitidos de uma geração para a outra. Também diz respeito aos produtos materiais associados a um grupo social ou a uma sociedade inteira; engloba a preparação do alimento, a arquitetura, a produção de cestos e leques de palha e qualquer outro artefato que é fruto do *trabalho* humano e que, em última instância, manifesta as ideias que as pessoas têm em comum sobre as coisas que produzem e utilizam. Jonhson (1997: 230) considera como parte da tecnologia cultural, “os conhecimentos sobre como plantar e colher culturas, fabricar aço, abrir estradas ou construir computadores”.

Na perspectiva marxiana, a categoria *trabalho* é entendida como mediação dialética dos seres humanos com a natureza, ganhando diferentes configurações ao longo da história. Constituindo-se como especificidade dos seres humanos, ao transformar a natureza à sua volta, o ser humano objetiva, e confere humanidade, às coisas da natureza; humaniza-se com as criações e representações que produz sobre o mundo. Os grupos humanos trabalham de acordo com uma determinada cultura e, ao trabalhar, produzem cultura; assim, “a produção não só cria um objeto para o sujeito, mas também um sujeito para o objeto”, conforme Marx no texto *Para uma crítica da economia política*, de 1857. Em seus estudos sobre a cultura dos trabalhadores no século XVIII e XIX, Thompson afirma que classe social é uma formação tanto cultural como econômica, pois são as experiências comuns (herdadas ou partilhadas) que criam uma identidade de interesses que diferem (e geralmente se opõem) com a de outros homens. Acredita que, em grande medida, as experiências são determinadas pelas *relações de produção*; no entanto, “a consciência de classe é a forma

O estudo da cultura do trabalho permite entender os significados que o trabalho adquire na vida das pessoas, os comportamentos, as interações entre o grupo, os processos de sociabilidade e mecanismos de controle.

como essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, ideias e formas institucionais”. (Thompson, 1977:10).

O estudo da *cultura do trabalho* permite entender os significados que o *trabalho* adquire na vida das pessoas, os comportamentos, as interações entre o grupo, os processos de sociabilidade e mecanismos de controle. Sobre a ética do trabalho, Weber (1967) assinala que o protestantismo representou a ideologia necessária para a hegemonia das relações capitalistas de produção, já que o trabalho, ao invés de maldição divina, passou a representar a forma dos súditos chegarem ao céu. Desde a Revolução Industrial, sendo a *cultura do trabalho* marcada por diferentes formas de controle do tempo de produção (Thompson, 2002), várias têm sido as formas de disciplinamento dos trabalhadores, inclu-

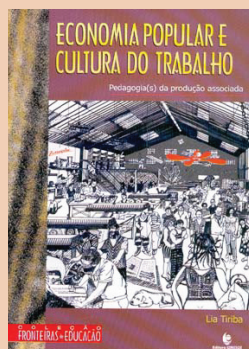
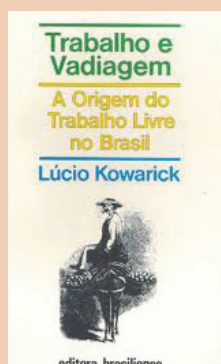
sive por parte da escola que, de acordo com alguns autores, tornou-se um meio para habituação das crianças à disciplina fabril (Enguita, 1989). A resistência dos trabalhadores à exploração capitalista tem sido objeto de preocupação da administração; no início do século XX, Taylor (1989) concluiu que a vadiagem no *trabalho* advém de três causas: a indolência natural, a resistência ao *trabalho* e a concepção, veiculada pelo sindicato, de que o aumento da intensidade do *trabalho* provocaria o desemprego de outros trabalhadores. Para Kovarick (1987), no Brasil, quando a escravidão deixou de ser a forma dominante de trabalho, foi necessário que a burguesia criasse a imagem de indisciplina e vadiagem para convencer os homens livres a aceitar a situação de assalariamento; neste sentido, além das mudanças estruturais, são as mudanças culturais e ideológicas que geram no trabalhador a ‘disposição’ de ingressar na disciplina do processo produtivo.



No Brasil, diversas culturas do *trabalho* sobrevivem, convivem e/ou se tornam subordinadas à cultura do capital, entre elas, destacam-se a dos quilombolas, caiçaras, indígenas, bem como a dos trabalhadores associados na produção que, a partir dos anos 1989, passaram a se organizar de forma autogestionária em torno da *economia popular solidária*. Alguns autores consideram que, como alternativa ao desemprego estrutural e à precarização do trabalho, estas experiências emancipatórias têm provocado uma “mutação cultural: de ‘celetista’ e/ou ‘sindicalista’ para autogestionário” (Nascimento, 2005). Tiriba (2001) entende que, como processos educativos, as experiências em que os trabalhadores tornam-se os proprietários dos meios de produção podem conter os embriões de uma *cultura do trabalho* que se contrapõe à lógica do capital.

Como objeto de investigação da antropologia e sociologia, é conceito fundamental para análise das práticas e projetos de qualificação profissional, remetendo os educadores às seguintes questões: tendo em conta as políticas neoliberais, o desenvolvimento científico-tecnológico, bem como a globalização de bens materiais e simbólicos que, com a crise estrutural do capitalismo dão sustentabilidade ao regime de acumulação flexível de capital, quais os nexos entre trabalho, cultura e educação? Sendo o processo de *trabalho* uma instância educativa, como a cultura capitalista do *trabalho* é sintetizada e multiprocessada pelos trabalhadores? Em que medida as práticas e projetos pedagógicos, em detrimento da diversidade cultural dos trabalhadores, corroboram para a *cultura do trabalho* alienado?

Autora: Lia Tiriba



Bibliografia

ENGUITA, Mariano F. *A face oculta da escola*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

KOVARICK, Lúcio. *Trabalho e vadiagem*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

NASCIMENTO, Cláudio. *Uma mutação cultural: de ‘celetista’ e/ou ‘sindicalista’ para autogestionário*. Brasília: TME, SSPE, DEQ, 2005 (Coleção Qualificação Social e Profissional).

PALENZUELA, Pablo. *Las culturas del trabajo: una aproximación antropológica*. In *Sociología del trabajo* (nueva época), n. 24, SigloXXI, 1995. p.3-28.

TAYLOR, F. *Princípios da administração científica*. São Paulo: Atlas, 1989.

TIRIBA, Lia. *Economia popular e cultura do trabalho. Pedagogia(s) da produção associada*. Ijuí:Unijuí, 2001

THOMPSON, E.P. *A formação da classe operária inglesa. A árvore da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

_____. *Tempo, disciplina no trabalho e o capitalismo industrial*. In *Costumes em comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional*. Rio de Janeiro: Companhia da Letras, 2002: 267:304

WEBER, M. *A ética do protestantismo e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1967.

DIVISÃO SOCIAL DO TRABALHO/ DIVISÃO TÉCNICA DO TRABALHO

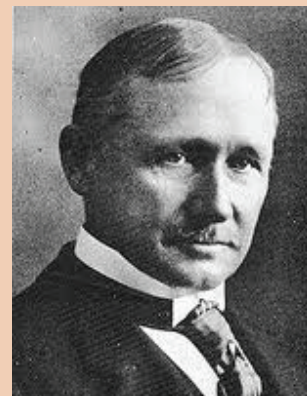
Divisão social do trabalho diz respeito ao sistema de relações sociais que preside a organização da produção e reprodução da vida social, à lógica que coloca em conexão os diferentes tipos de trabalho e de funções produtivas, ao processo de separação dos indivíduos e grupos sociais por categorias e classes sociais conforme sua participação e responsabilidades na produção, circulação e distribuição de bens materiais e simbólicos num dado espaço e tempo histórico. Está associado ao conceito de relações de produção, ou seja, às relações que os seres humanos estabelecem no processo de produção da existência humana, tendo em conta sua inserção na estrutura social, política e econômica da sociedade. Dado que a realidade humano-social é construída por meio do trabalho, a diferenciação que fundamenta a divisão social do trabalho, embora presente nos diferentes tipos de sociedade, é ampliada e aprofundada na medida em que os sistemas sociais se tornam mais complexos.

A *divisão técnica do trabalho* diz respeito ao sistema que dirige o parcelamento, a especialização e a hierarquização das atividades de trabalho no processo de produção com vistas ao aumento da produtividade social. Relacionada à diferenciação dos objetos de trabalho e ao grau de assimilação da natureza pelo ser humano, ao grau de cultura e riqueza espiritual, decorre do desenvolvimento das forças produtivas, que inclui o desenvolvimento tecnológico.

A divisão técnica do trabalho diz respeito ao sistema que dirige o parcelamento, a especialização e a hierarquização das atividades de trabalho no processo de produção com vistas ao aumento da produtividade social.

A divisão técnica do trabalho, presente nas organizações humanas desde seus primórdios, toma pulso a partir da forma manufatureira da indústria e advento da Revolução Industrial, chegando, atualmente, a um nível extraordinário de fragmentação. No capitalismo, o indivíduo é levado a um processo de deformação, pois não incorpora a concatenação social desse processo em sua personalidade, pois a *divisão técnica do trabalho* que caracteriza este sistema social leva ao máximo a separação entre trabalho intelectual (a concepção) e trabalho manual (a execução). A função que cada um exerce na produção social é ditada exteriormente; ainda que acompanhada de planejamento, controle e coordenação do processo de trabalho, de modo a favorecer a *cooperação* entre os trabalhadores para garantir unidade e alcance das metas de produção. Neste aspecto, o século XX foi marcado pela implementação de modelos de *organização do processo de trabalho*, destacando-se a Organização Científica do Trabalho (OCT) de Frederick Winslow Taylor (1856-1915) baseada na rígida separação entre tarefas de concepção e de execução que, com o fordismo, aprofundou a subsunção real do trabalho ao capital. No contexto da acumulação flexível do capital, a via japonesa de organização do trabalho – o *toyotismo* de Taiichi Ohno (1912-1990) –, implementa mudanças na divisão do trabalho que buscam aproximar as tarefas de concepção das de execução por meio da diminuição de hierarquias e de substituição do trabalho em linha de montagem pelo trabalho em equipe.

Karl Marx (1818-1883) analisa a divisão do trabalho para compreender a dinâmica do capitalismo. Define a *divisão social do trabalho* como a “totalidade das formas heterogêneas de trabalho útil que difere em ordem, gênero, espécie e variedade”. Laurence Harris (1991) sistematiza elementos importantes da reflexão de Marx sobre as re-



Frederick
Winslow
Taylor



lações entre a divisão social e a divisão técnica do trabalho. A *divisão social do trabalho* é fundamental para a produção e troca de mercadorias e determina a divisão técnica do trabalho. No entanto, a sociedade produtora de mercadorias não é condição para a existência da divisão social do trabalho, uma vez que a divisão sexual, ou por idade já ocorria antes do valor de troca se tornar, no capitalismo, o objetivo da produção de mercadorias. A produtividade na fábrica é obtida com a parcialização do produto social do trabalhador coletivo por meio da divisão técnica do trabalho; essa produtividade não resulta da soma total das atividades especializadas ou da soma de forças de trabalho individuais, mas de uma força produtiva coletiva. Se, na sociedade, os meios de produção estão divididos entre os capitalistas independentes, em uma empresa, o que ocorre é a concentração dos meios de produção pelo proprietário. A relação quase que anárquica impingida pela competição entre os capitalistas na sociedade move a dinâmica da divisão social do trabalho. Diferentemente, a *divisão técnica do trabalho* na produção tem maior possibilidade de ser regulada, planejada e supervisionada.

A divisão social e técnica do trabalho são impulsionadas pela compulsão de acumulação do capital. Por meio da ideologia burguesa, constrói-se uma visão distorcida da realidade e a divisão do trabalho é percebida como resultado da distribuição e alocação dos indivíduos em diferentes postos de trabalho, de acordo com suas preferências e competências. A superação da divisão social e técnica do trabalho, na forma como se apresentam no capitalismo, depende da abolição dos elementos centrais que o constituem. O controle dos meios de produção, do processo e do produto do trabalho pelos próprios produtores

A superação da divisão social e técnica do trabalho, na forma como se apresentam no capitalismo, depende da abolição dos elementos centrais que o constituem.

livremente associados pressupõe novos critérios para uma divisão técnica do trabalho; neste caso, busca-se a rearticulação entre trabalho intelectual e trabalho manual, concepção e execução, passando a ser orientada para o atendimento às necessidades de todos. No entanto, no que diz respeito às experiências de socialismo real, o desafio da superação da lógica capitalista de *divisão técnica do trabalho* tem se constituído numa questão polêmica entre os marxistas. Nesse sentido, a adoção da OCT (Taylor) pela indústria da Rússia socialista para alavancar a produção no país é um exemplo paradigmático.

Uma referência teórica influente na análise sociológica da divisão do trabalho, numa perspectiva funcionalista, é Émile Durkheim (1858-1917). A noção de divisão do trabalho de Durkheim inclui todas as formas de especialização que acontecem na sociedade, não só a econômica. A análise que faz da divisão do trabalho resulta da sua preocupação de compreender os mecanismos de coesão social. Cria os conceitos de solidariedade mecânica e de solidariedade orgânica. Esta, para o autor, é derivada da própria divisão social do trabalho, que é fonte de equilíbrio e solidariedade recíproca entre os seus membros. Estes desenvolvem suas próprias esferas de ação, de especialização e capacidades e, ao mesmo tempo, dependem dos demais. A divisão do trabalho integraria o corpo social pela diferenciação e pela mútua dependência dos indivíduos. Diferentemente, em sociedades simples, a coesão se daria a partir das semelhanças. Esta forma de solidariedade é denominada por Durkheim de solidariedade mecânica. Ali Rattansi (1996) indica, porém, algumas temáticas que o pensamento social problematizou como impactos da especialização: alienação, profissionalização, distribuição do conhecimento entre as classes sociais e emergência dos trabalhadores de “colarinho branco”, buro-



No que diz respeito às experiências de socialismo real, o desafio da superação da lógica capitalista de divisão técnica do trabalho tem se constituído numa questão polêmica entre os marxistas.

cratização, divisão sexual do trabalho, racialização da divisão do trabalho e as possibilidades de realização da autogestão. Destaca-se, neste contexto, que o feminismo e os estudos de gênero têm contribuído decisivamente para a desnaturalização do entendimento da divisão sexual do trabalho. Esta é entendida hoje como uma construção cultural e histórica, fundada em relações sociais assimétricas e hierárquicas entre os sexos, produzidas e alimentadas pela ideologia patriarcal.

Para Lettieri (1980, p. 201) “é impossível colocar corretamente o problema das qualificações sem tocar na divisão do trabalho; mas é impossível tocar na divisão do trabalho sem falar da escola”. Isto significa que, de várias formas, a divisão social e técnica do trabalho tem relação direta com a qualificação do trabalhador. Uma delas é o impacto mais ou menos formador das próprias tarefas e funções realizadas no cotidiano do trabalho. Outra são as relações entre os projetos pedagógicos dos cursos de formação profissional e o lugar ocupado pelos trabalhadores no processo produtivo. Vejam-se, por exemplo, as diferenças entre a formação recebida pelo engenheiro, pelo tecnólogo e pelo técnico de nível médio, em termos de duração dos cursos, da distribuição das disciplinas teóricas e das práticas e da relação entre formação geral e formação técnica. Outra forma é a relação entre o modelo de organização do trabalho e as pedagogias utilizadas na formação profissional. O taylorismo tem relação direta com pedagogias baseadas na transmissão de conteúdos e no *treinamento* e o *toyotismo* tem influenciado a elaboração de diretrizes pedagógicas para a formação profissional baseadas no princípio do aprender a aprender. Processos de trabalhos autogestionários demandam uma formação para a efetiva autonomia.

Maria Clara Bueno Fischer e Euli Marlene Steffen

Bibliografia:

Atlas da Economia Solidária no Brasil 2005, Brasília: MTE, SENAES, 2006.

GAIGER, Luiz Inácio (Org.). **Sentidos e Experiências da Economia Solidária no Brasil**, Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

ICAZA, Ana M. e Tiriba, Lia. **Economia Popular**. In.: CATTANI, Antônio David (org.). **A Outra Economia**, Porto Alegre: Veraz Editores, 2003, pp. 101-109,

RAZETO, Luis. **Economia de solidariedade e organização popular**. In.: GADOTTI, M. e GUTIÉRREZ, F. (orgs.). **Educação Comunitária e Economia Popular**. São Paulo: Cortez, 1993, pp. 34-58 (Col. Questões de Nossa Época; 25).

SANTOS. Boaventura de Souza (Org.). **Produzir para viver. Os caminhos da produção não capitalista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002

SINGER, Paul. **Economia Solidária**. In.: CATTANI, Antônio David (org.). **A Outra Economia**, Porto Alegre: Veraz Editores, 2003, pp. 116-125.

_____. **Introdução à Economia Solidária**, São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

Agradecimento aos Professores das Redes Municipais de Educação de Niterói e São Gonçalo que participaram na construção do material pedagógico

Adriana Martins dos Santos
 Alba Maria Souza do Nascimento
 Aluisio Tacildo Costa Filho
 Amanda Moreira Borde
 Ana Cláudia de Andrade Almeida
 Ana Cristina Costa Magalhães
 Andréa de Souza Fontes
 Ângela Maria Azevedo Rangel
 Angélica Quintanilha J. D. Lemos
 Anna Carolina Perez C. Martins
 Augusto Beug Netto
 Ayses Barreto Barbosa
 Bianca da Silva Duarte
 Carlos Fernando Vizeu Pontes
 Claudia da Silva Malta
 Claudia Helena Cezario Ferreira
 Claudia Paixão Conceição Rosa
 Cledir Ribeiro da Silva
 Cristine de Souza Coutinho dos Santos
 Danielle Velasco Estevam
 Dione Barbara da Silva
 Dulcineia Manhaes
 Edilene Corrêa Rocha
 Edson da Silva Gomes
 Elizabeth Moraes Vianna
 Fatima Moreira Magalhães
 Fernando Pereira do Nascimento Junior
 Gerson Barbosa Feitosa
 Gisele Batista Herdy
 Gloria Regina Zarate de Souza
 Hulda Correa de Lima Silva
 Isabel Christina Goudard Braga
 Izilda Maria Coutinho Araujo
 Jacira de Paiva Dobbin Barros
 Janaína Badini Tubenchlak
 Jane da Silva Chagas
 Janine de Souza Siqueira
 Joaquim Francisco de Pinho Filho
 Jorsélia Ferreira Santos
 José Augusto Costa Ribeiro
 José Renato Vieira Rodrigues
 Karla Christina Porto de Oliveira Ferreira
 Katia Cristina Eccard Bersot
 Layla Souza da Silva Amorim
 Liliane de Castro Matta Mangelli
 Lisiane de Aguiar Tavares
 Lucilene Nogueira Neves
 Lucimara de Oliveira Santos Coelho
 Maíra Vieira do Vale
 Márcia Luzia Cardoso Carneiro
 Márcia Valéria Ribeiro de Britto
 Marco Antonio Barbosa Bustamante Sá
 Marcos Marcelino Costa de Barros
 Maria Augusta Ferreira Miguel
 Maria José dos Santos Tavares
 Maria Lúcia Xavier Cavalcante
 Maria Luiza Pereira Soares
 Mauro Soares
 Mercêdes Olympia Costa Durão de Barros
 Monica Bento da Silva
 Osvaldo Elias de Brito Borges
 Patricia Ferreira Yamamoto
 Patrícia Lannes de Oliveira Rodrigues
 Regina Celia Saboia
 Regina Quintanilha Braga
 Renata Campos Rodrigues
 Roberta Adriana Anillo Monteiro
 Ronaldo Pimentel Baptista
 Rosa Therezinha Tavares Gomes
 Rosângela Dos Santos Corrêa
 Rose Mary S. C. Ribeiro
 Roseli Lemos
 Rosely Farias Sardinha
 Rosinete Vitorino Mendes Guimarães
 Sergio Mendonça Kienen
 Silvana Augusta De Freitas Mota
 Silviane de Oliveira Silva
 Simone Santos dos Reis
 Thaiza Valéria Silva Soares
 Valéria Gualter Coutinho
 Vagner Luiz Brum dos Santos
 Vanda de Assis Torres Barreto
 Vera Lucia Braga
 Washington Mousinho Lins dos Santos



LEIA OS OUTROS CADERNOS DESTA COLEÇÃO

